
ENSINO MÉDIO

– 1º ANO –

HISTÓRIA

VOLUME ÚNICO

Apostila do 1º ano do Ensino Médio, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.





HISTÓRIA

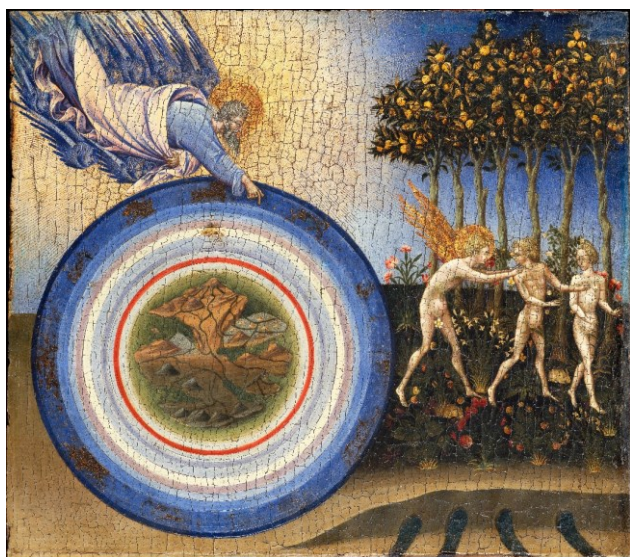


AULA 03

O SURGIMENTO DOS HOMENS CONFORME O GÊNESIS, A HUMANIDADE APÓS O DILÚVIO E A ORIGEM DAS CIVILIZAÇÕES

I

O SURGIMENTO DO HOMEM



Representação Medieval: “A Criação do Cosmos e a Expulsão do Paraíso”.



criação do mundo – “No princípio, Deus criou o céu e a terra”; assim começa o Gênesis. Diferente das antigas mitologias, narrativas

fantásticas e até mesmo, como nos mostra Santo Ambrósio em seu *Examerão*, da impressionante filosofia clássica (Platão e Aristóteles), Deus é Criador. Ele criou o céu e a terra e todas as coisas. E assim, no sexto dia, Deus criou o homem “à sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou”. Este último trecho nos mostra como o homem foi criado para **viver em sociedade: homem e mulher** constituem uma forma de sociedade.

Este homem criado por Deus, em estado de justiça e pureza, possuía uma unidade e uma forma de vida integrada. Por fim, é como se todos os homens estivessem contidos em Adão e todas as mulheres contidas em Eva, como nos diria Bossuet. Ou, em outros termos, conforme Santo Tomás de Aquino, o primeiro homem é “*princípio de toda a sua espécie*.”.

Adão e Eva foram criados em estado de perfeição, bondade, harmonia e em amizade com Deus. Havia uma harmonia interna ao homem criado imagem e semelhança de Deus “*consigo mesmo e com aquele mundo que o cercava*” (Catecismo da Igreja Católica). Ambos estavam em estado de justiça natural e graça: o homem possuía *domínio de si*, estava, pois, integrado e ordenado. Como afirma São Pio X, em seu Catecismo, o homem é o ser mais nobre que Deus

colocou sobre a terra; como Sua imagem e semelhança, o homem possui uma alma racional e espiritual.

O primeiro homem e a primeira mulher foram criados para constituir uma família, viver de forma harmônica e em comunhão: “*Não é bom que o homem esteja só. Vou providenciar um auxílio que lhe corresponda. (...) Então, o Senhor Deus fez vir um sono profundo sobre o homem, o qual adormeceu. Tomou um lado dele e fechou a carne no seu lugar. E do lado que tomara do homem, o Senhor Deus formou a mulher e trouxe-a ao homem. Então o homem exclamou: ‘Esta vez, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, ela foi tirada do homem’*”. Eva foi feita e tomada a partir da costela de Adão; há neste símbolo um profundo sentido que nos é explicado por São Tomás de Aquino:

“Foi conveniente na primeira instituição das coisas, a mulher, diferentemente dos brutos, ser formada do varão. – Primeiro, para que, assim, se conferisse a este uma certa dignidade; de modo que, semelhantemente a Deus, também ele fosse o princípio de toda a sua espécie, assim como Deus é o princípio de todo o universo. Por isso a Escritura diz, que de um só Deus fez todo o gênero humano. Segundo, para que o homem amasse mais a mulher e mais inseparavelmente se lhe unisse, quando soubesse que de si mesmo foi ela produzida.” (Santo Tomás de Aquino, Suma Teológica I, q. 93, artigo 2).

E ainda continua Santo Tomás de Aquino:

“Era conveniente que a mulher fosse formada da costela do homem. – Primeiro, para significar que deve haver união entre o homem e a mulher. Pois, nem esta deve dominar aquele e, por isso, não foi formada da cabeça; nem deve ser desprezada pelo homem, numa como sujeição servil, e por isso não foi formada dos pés.” (Santo Tomás de Aquino, Suma Teológica I, q. 93, artigo 3).

Eva foi retirada da costela de Adão, próximo ao coração: sinal de que homem e mulher deveriam permanecer unidos, em comunhão e união amorosa. Há também um sentido mais profundo neste fato literal: assim como a primeira mulher (Eva) foi formada a partir da costela do primeiro homem (Adão), a Igreja formou-se a partir de Cristo, como Sua Esposa. Como Adão e Eva tiveram filhos, segundo a carne, Cristo e seu Corpo Místico, a Igreja, também têm filhos (membros da Igreja, enxertados ao Cristo).

A queda de Adão e Eva – As Sagradas Escrituras nos narram a respeito da queda de Adão e Eva, ou seja, do pecado original. Como vimos, antes o homem e a mulher, criados imagem e semelhança de Deus, viviam de forma harmônica e em estado de justiça natural; ambos viviam de forma ordenada e com sua vontade subordinada ao Criador. Entretanto, o homem caiu em pecado, arrastado por seu orgulho: São Pio X



*Adão e Eva, a Serpente:
a Queda do Homem.*

nos diz em seu Catecismo que o pecado de Adão foi um grave pecado de **soberba**.

O capítulo 3 do livro de Gênesis começa nos alertando que a serpente era o mais astuto dos animais criador por Deus. Evidentemente tratava-se do próprio Tentador, a astúcia do Mal que levou o homem aos pecados da desobediência e soberba.

A serpente então disse à mulher:

“É verdade que Deus vos disse: ‘Não comereis de nenhuma árvore do Jardim?’ A mulher respondeu à serpente: ‘Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas do fruto árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Dele não comereis, nele não tocareis, senão morrereis.’ A serpente, porém, respondeu à mulher: ‘De modo algum morrereis. Pelo contrário, Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal’.

O primeiro fratricídio: Caim e Abel – Após o ato de desobediência, orgulho e soberba de Adão e Eva, o pecado original e a corrupção entraram na natureza humana e, de um estado de harmonia, ordem e justiça natural, o homem deixou-se levar por suas desordens e fraquezas. Os pais da humanidade foram expulsos do jardim e deste fato em diante todos os descendentes de Adão carregariam consigo esta realidade do pecado original. Toda a Sagrada Escritura trata da obra da restauração humana – restauração que só ocorre por meio de Cristo.

Adão e Eva tiveram filhos. O primeiro foi Caim, que se tornou agricultor. Depois nasceu Abel, que se tornou pastor. Ocorreu o primeiro grande crime da humanidade: com inveja e ódio, Caim assassinou seu irmão Abel – que, com sua oferta, havia agradado Deus. Estes dois irmãos opunham-se: o bom pastor, com oferendas agradáveis e sinceras perante Deus, de um lado; do outro, Caim, com suas ofertas que não agradaram a Deus, com sua inveja, ódio, ressentimento, avareza e o fratricídio. A partir daí, cada vez mais, a humanidade parecia arrastada por suas paixões desordenadas e atos maléficos.

Após o ato criminoso, Caim retirou-se da presença de Deus e foi habitar a terra de Nod (leste do Éden): Caim gerou Henoc e, posteriormente, construiu uma cidade com o nome de seu filho. Henoc gerou Irad e Irad gerou Maviael, que gerou Matusael. Matusael gerou Lamec.

De acordo com o historiador judeu Flavio Josefo, ao invés de tornar-se melhor e se modificar com o castigo, Caim tornou-se uma pessoa ainda pior: caiu nos excessos dos prazeres, tornou-se violento e agressivo, tomando os bens alheios e cometendo as maiores injustiças.

A humanidade de Adão até Noé – Adão e Eva tiveram muitos filhos e filhas. Depois de Caim e Abel, Adão gerou Set. Havia assim duas linhagens: a) uma linhagem corrompida, depravada, entregue aos pecados da avareza, vaidade, assassinato, etc., que originava-se de Caim; b) a linhagem dos homens fiéis a Deus, que se originou de Set. Esta última linhagem procurava viver conforme o Espírito; foi dela que nasceu Noé.

II

O DILÚVIO UNIVERSAL E A ORIGEM DOS POVOS

Com a introdução do pecado original muitos homens descendentes de Adão e Eva – mais especificamente os filhos de Caim – passaram a praticar os atos mais atroz, cruéis e desprezíveis. A soberba, o orgulho e a vaidade eram vícios que se alastravam rapidamente no coração dos homens, que praticavam o mal com avidez. A humanidade parecia chafurdar em pecados e crueldades. Diante de tal situação, Deus decidiu purificar a terra por meio de um grande dilúvio; porém, também escolheu salvar uma parte da humanidade, criando uma Aliança e salvando Noé e seus familiares.

Orientado por Deus e atendendo ao Seu pedido, Noé construiu a arca: entrou com sua família e com dois animais (macho e fêmea) de cada espécie. Noé era pai de **Sem, Cam e Jafé**.

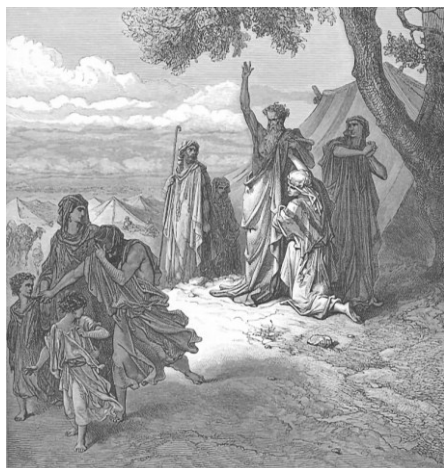
As Sagradas Escrituras mostram a orientação do Senhor a Noé: *“Entra na arca; tu e toda tua família, porque diante de mim és o único justo no meio desta geração”*. As chuvas atingiram a terra e choveu durante quarenta dias e quarenta noites: fortíssimas chuvas torrenciais causaram a inundação da Terra. Após este período, com o cessar das chuvas, aos poucos o nível das águas baixou e a arca de Noé acabou aportando no **monte Ararat**. Os cumes das montanhas começaram a aparecer, mas Noé permanecia esperando que a superfície secasse. E então Deus falou a Noé:

“Sai da arca com tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos. Todas as espécies de animais selvagens que estão contigo, as aves, os animais domésticos e tudo que rasteja sobre a face da terra, faça-os sair contigo, para que se propaguem pela terra, sejam fecundos e se multipliquem sobre a terra.” (Gênesis 8, 16-17)

E assim Noé saiu da arca com sua mulher, e com seus filhos e as mulheres de seus filhos; e os vários animais selvagens e domésticos também saíram. E Noé decidiu edificar um altar para o senhor e oferecer um holocausto dos animais puros ao Senhor. E Deus disse a Noé: *“Nunca mais tornarei a amaldiçoar a terra por causa do ser humano, por ele ter más intenções no coração desde a infância; nunca mais tornarei a atingir todo ser vivo como acabo de fazer.”* E disse também a Noé e seus filhos:

“Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra. Poreis medo e espanto em todos os animais da terra e em todas as aves do céu, em tudo que rasteja pelo chão e em todos os peixes do mar. Estão entregues à vossa mão. Tudo quanto se move e vive vos servirá de alimento; assim como já vos dei a erva verde, entrego-vos tudo. (...) Quem derramar sangue humano por mão humana terá seu sangue derramado, porque Deus fez o ser humano à sua imagem. E quanto a vós, sede fecundos e multiplicai-vos; povoai a terra e multiplicai-vos sobre ela.” E Deus disse a Noé, acompanhado de seus filhos: *‘Quanto a mim, estabelecerei minha aliança convosco e com vossa descendência depois de vós, com todo ser vivo que está convosco: as aves, os animais domésticos, todos os animais selvagens da terra, tudo o que saiu da arca, enfim, todos os animais da terra. Estabeleço convosco a minha aliança; nunca mais*

será eliminada toda a carne pelas águas diluviais, nunca mais haverá dilúvio para destruir a terra. ”. (Gênesis 9, 1-11)



*Noé amaldiçoa seu neto Canaã; gravura
de Gustave Doré.*

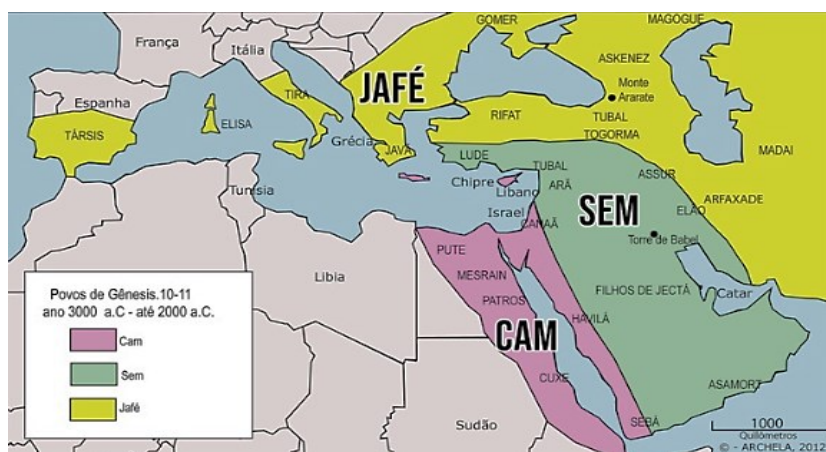
Noé tornou-se desta forma o pai de uma nova humanidade; com ele foi estabelecida (da parte de Deus com os homens) uma aliança, que foi simbolizada pelo arco-íris. Como vimos, Noé foi pai de três filhos: Sem, Cam e Jafé. E, então, cada um dos filhos de Noé acabou gerando uma descendência numerosa:



Noé amaldiçoa seu neto Canaã; gravura de Gustave Doré.

Sem (foi o pai dos povos Semitas) gerou: **Elam, Assur, Lud, Aram e Arfaxad**. Arfaxad gerou Salé, Salé gerou **Héber** (hebreu), que gerou Faleg. Faleg gerou Reú, que gerou Sarug. Sarug gerou Nacor. Nacor gerou Taré, que foi o pai de Abraão, Nacor e Arã. Da linhagem de Sem é que saiu o Povo de Deus, o povo Hebreu, a partir da vocação de Abraão, em Ur, e da formação das doze Tribos de Israel.

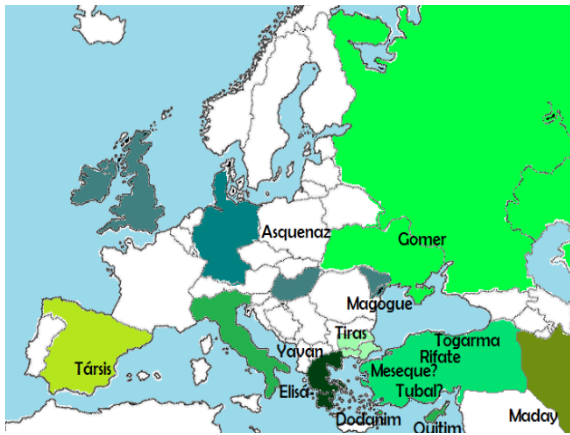
Cam deu origem aos povos inimigos dos hebreus. A Bíblia conta-nos que Cam desrespeitou profundamente seu pai, Noé, e, por causa disto, teve sua descendência amaldiçoada: o filho de Cam, chamado Canaã, foi amaldiçoado por Noé. Cam gerou vários filhos: Cam, Cuch (Cuxe), Mizraim, Fut (Pute) e Canaã. Cuch foi pai de Nemrod, o primeiro grande conquistador entre os homens: **Nemrod** teria sido uma espécie de caçador, guerreiro e fundador de cidades; foi ele quem fundou as temíveis cidades de Nínive e Babel (Babilônia), no norte da Mesopotâmia e na região central da Acádia acima do Sinear (Suméria). Canaã deu origem aos povos cananeus; ele gerou **Sídon** (fenícios) e **Het** (Hititas), também foi pai dos povos amorreus. Os cananeus espalharam-se e se estabeleceram desde a região da Sidônia até



Em linhas gerais, os descendentes de Noé distribuíram-se geograficamente como está representando no mapa acima. A descendência de Cam formou o Egito, os povos da Núbia (Etiópia), Líbia, Cananeus, e, claro, com Nenrod foram fundadas Nínive e Babilônia. Os Semitas (de Sem) distribuíram-se desde o sul da Ásia Menor, especialmente nas regiões da Síria, Fenícia, atual Iraque e Arábia. Os descendentes de Jafé formaram os povos do norte (entre Europa e Ásia)

a Faixa de Gaza, e também nas regiões em que surgiram as cidades de Sodoma e Gomorra. **Mizraim** estabeleceu-se na região do Vale do Nilo (nordeste do continente africano) e deu origem ao Egito.

Jafé foi o pai dos povos do norte (chamados pelos historiadores modernos de povos “indo-europeus”): Jafé gerou os celtas, os italianos, iberos, gregos, os medos (persas) e outros. Ele foi pai de Gomer (que se estabeleceu ao norte, em região próxima da



O mapa acima não está perfeito e não é exato. Mas é uma representação da formação dos povos que se estabeleceram na região da Europa e parte da Ásia. Javã, Dodanim e Elisa formaram o mundo grego. Curiosamente alguns estudiosos de Etimologia afirmam a correspondência entre o nome Javã e Jônio (Grego).

atual Rússia), Magog (também perto da Rússia, onde hoje seria a Ucrânia), Madai (na Ásia, onde formou-se a Média, terra dos medos), Javã (na Grécia), Tubal, Mosoc e Tiras. Javã foi pai de Elisa, Társis, Cetim e Dodanim.

E assim temos a formação dos povos da Antiguidade conforme o Gênesis: Egípcios, Mesopotâmicos, Arameus, Fenícios, Celtas (Gauleses), Persas, Gregos e o Povo Eleito (Hebreus), etc. formaram-se a partir da descendência de Noé e sua dispersão geográfica. A partir destes grupos familiares formaram-se sociedades mais complexas, com grupos familiares constituindo aldeias; aos poucos, tais aldeias formaram cidades ou, em alguns casos, tribos nômades. As cidades possibilitaram o

surgimento das grandes civilizações do Mundo Antigo. Começaremos com a Civilização do Egito.

III O PAÍS DO NILO

A formação da civilização egípcia – Após o Dilúvio Universal e a formação da grande diversidade dos povos a partir da descendência de Noé, conforme os grupos familiares aumentavam, se desenvolviam e saíam de uma forma de vida *tipicamente nômade* (em que viviam da caça, da coleta ou da criação de alguns animais) e começavam a desenvolver uma forma de vida mais ordenada e de aspecto doméstico: alguns grupos familiares passaram a se fixar às margens de grandes rios (rio Nilo no Egito, rio Tigre e Eufrates na Mesopotâmia). Este processo foi chamado de *sedentarização*.

O Egito formou-se a partir da família de Mizraim. E por isso o país do Nilo também era chamado assim pelos povos hebreus. Geograficamente falando, a terra de Mizraim (o Egito) é um prolongamento do vastíssimo deserto do Saara: local árido com os dias extremamente quentes e as noites frias. O Egito é agraciado pela existência do caudaloso rio Nilo que forma um fértil e rico vale (Vale do Nilo), onde se torna possível a prática da agricultura. Foi certamente por isso que o grande historiador grego, Heródoto, afirmou que o “Egito é um presente do Nilo”.

De forma bastante estável e periódica, todos os anos, as águas do Nilo elevam seu nível, de forma que transbordam e fertilizam as terras do Vale. A inundação é causada, em parte, pelo derretimento de camadas de neve das montanhas da Abissínia e das chuvas que atingem o Lago Vitória, ao sul do Vale do Nilo. As águas elevam-se aproximadamente 10 metros acima de seu nível normal.



Os grupos familiares originários de Mizraim estabeleceram no Vale do Nilo e, após formarem-se cidades ou aldeias, chamadas nomos, gradualmente surgiu a civilização do Egito.

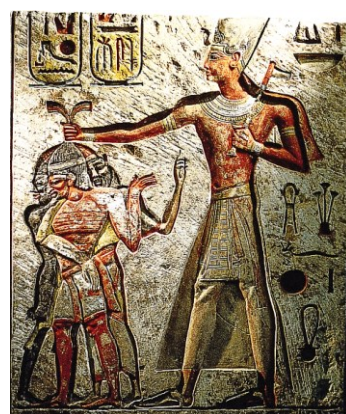
Tal fenômeno prolonga-se até o mês de setembro, quando, gradualmente, o nível das águas volta ao seu estado normal. A vida dos egípcios desenvolvia-se assim em função do regime natural do Nilo. O Nilo tornou-se o coração da vida egípcia. Basicamente, havia três estações no Egito: 1) de junho a setembro, a época das inundações; 2) de outubro a fevereiro, os egípcios preparavam o terreno fertilizavam e praticavam a agricultura; 3) de fevereiro a junho, o período da colheita e preparação para próxima inundação.

Grupos familiares formaram no Egito pequenas comunidades (aldeias) que foram chamadas de *nomos*; os *nomos* eram o resultado de agrupamentos familiares e fundavam as suas leis em normas costumeiras (consuetudinárias); cada um *nomos* era governado por chefe local, um tipo de pai da comunidade local: o nomarca. Infelizmente não dispomos de informações exatas e detalhadas, mas ocorreu um fato bastante curioso no Vale do Nilo: em algum momento, os vários *nomos* passaram por um processo de agrupamento e vinculação. Com o passar do tempo, as vinculações familiares, casamentos e alianças entre *nomos* acabou formando dois grandes reinos: **1) o Reino do Alto Egito** (sul) e **2) o Reino do Baixo Egito** (norte).

A existência dos dois grandes reinos arrastou o Egito para uma guerra: cada um dos reinos desejava ter o controle e senhorio sobre as terras do Vale. Há muita incompreensão nossa sobre esta época: trata-se de um período nebuloso e opaco, em que as histórias factuais se misturam com lendas e exaltações guerreiras. Em linhas gerais podemos contar uma história lendária: por volta do IV milênio a.C. (?) havia um certo “**rei Escorpião**” (senhor supremo de Hieracômpolis, capital do Reino do Alto Egito), que iniciou a terrível guerra contra o rei do Baixo Egito (norte). A luta prolongou-se por vários anos e, após a morte do “rei Escorpião”, o Alto Egito foi herdado por **Narmer** (Menés). Narmer concluiu a guerra contra o Baixo Egito ao derrotar o rei do norte e tornar-se senhor de todo o Vale do Nilo. O Egito foi unificado sob autoridade de Narmer que se tornou o *faraó* (“Casa Grande”).

A partir desta *unificação e centralização* política do Egito, a história do país transcorreria de forma muito estável e durável: durante milênios o Egito permaneceu sob autoridade de um faraó que soberbamente afirmava-se como um deus ou como representante de Rá (rei dos deuses egípcios). Muitos consideram o Egito como o país mais contínuo e estável (com unidade cultural e política) da Antiguidade.

A Civilização Egípcia (3500 - 525 a.C.) – Com o processo de unificação e centralização política e o desenvolvimento de uma forma de escrita (*hieróglifos*) para expressar suas concepções



Representação do faraó Ramsés II subjugando três inimigos. No Egito, o faraó era sempre representado em proporções maiores como uma forma de indicar sua superioridade, poder e autoridade divina em relação aos demais.

cosmológicas, nasceu a Civilização Egípcia. Os egípcios formaram uma civilização consideravelmente desenvolvida que perdurou durante muito tempo. Talvez somente a China tenha conseguido ultrapassar tal estabilidade e continuidade.

O Egito era governado firmemente por um faraó com plenos poderes e autoridade sobre a vida dos egípcios. A existência do Egito, sua segurança, manutenção e continuidade deveria ser mantida pelo faraó, que também era o líder e chefe da seita que havia entre os egípcios: é inerente ao homem o desejo insaciável por algo, por um sentido, por uma vida plena e feliz, que só pode ser preenchida pelo próprio Deus. É por conta disso que os povos antigos, fora da graça, em estado decaído, por vezes buscavam preencher tal vazio de sentido com mitos e narrativas cosmogônicas. Os egípcios, assim como todos os demais povos antigos (fenícios, babilônios, etc.), criaram mitos e narrativas para tentar explicar o universo e assim acabavam caindo no grave erro do culto de ídolos: adoravam deuses que personificavam ou representavam forças da natureza ou mesmo animais. A mitologia dos egípcios também possuía uma característica em comum com a mitologia dos gregos: assim como os helenos, os egípcios acreditavam que o Cosmos foi criado a partir de uma massa informe, um “caos primordial” (chamavam-lhe de Nut) e, a partir deste os demais deuses (como Rá) apareceram.

Havia, portanto, uma tendência entre os egípcios a buscar algo transcendente e é verdade que naturalmente acreditavam na imortalidade da alma; entretanto, infundáveis aspectos de sua seita apresentavam uma série de erros grotescos que “*desfiguravam a imagem de Deus*” (Catecismo da Igreja Católica). Por acreditar veementemente na vida pós morte, os homens do Egito dedicaram-se à construção de gigantescos túmulos (as pirâmides) e desenvolveram técnicas para preservação dos corpos (**mumificação**).



As três grandes pirâmides de Gizé dos faraós Quefrén, Queops e Miquerenos. Estão na região da Necrópole de Gizé.

Em termos de hierarquia, como vimos, a maior autoridade da sociedade egípcia era o faraó que vivia na capital do país (geralmente a capital era o local em que o faraó residia com sua família e corte). Logo depois havia (abaixo do faraó) os “**sesheshet** – os chefes dos cultos idólatras de Rá, Hórus, Ísis e Osíris. Depois, havia os membros do grupo guerreiro: o alto escalão de chefes **militares** dos faraós. Outro grupo que usufruía de grande prestígio e consideração no Egito era o dos **escribas**. Nos centros urbanos existiam os **artesãos** e **comerciais** e em outras áreas viviam os **camponeses** que cultivavam o solo.

O Egito dos faraós foi um país bastante estável e conheceu ao longo de sua história uma relativa paz. Por estar geograficamente protegido pela imensidão do Saara e pelo deserto da Arábia, o país conheceu ao longo de sua história poucas invasões. E, a certa altura, atingiu uma organização social e política tão desenvolvida que entrou em processo de expansão militar e territorial, transformando-se num império: os faraós passaram a invadir outros territórios, como a atual Etiópia, a península do Sinai, Canaã, Fenícia (Libano) e Síria. Um

dos elementos que motivou esta expansão e conquista, pode ser atribuído também a certa vaidade: os homens do Vale do Nilo sempre se sentiram muito superiores aos outros povos e, quando sofriam alguma derrota, jamais admitiam que pudessem perder ou ser derrotados.

Esta civilização atingiu seu auge na época do famoso faraó Ramsés II (século XIII a.C.); inclusive, teria sido na época de **Ramsés II** (ou de seu filho **Meneftá?**) que ocorreu o episódio do Êxodo: Moisés, vocacionado por Deus, liderou os hebreus para fora do Egito em direção à Terra Prometida. Com a morte de Ramsés II, o Egito entrou em um lento processo de declínio. Na época de Davi e Salomão, o império egípcio estava definhando e se retraindo. Ao aproximar-se cada vez mais da época de Nosso Senhor Jesus, o antigo país do Nilo parecia mais frágil e declinante: em 525 a.C., o faraó Psamético III sofreu uma derrota avassaladora contra Cambises, o rei da Pérsia. Dois séculos depois, Alexandre Magno (da Macedônia) invadiu o país e o conquistou, proclamando-se faraó: a antiga civilização do Nilo foi submetida ao mundo grego e seu papel na História havia-se completado.

Um faraó misterioso: Akhenaton – Há uma certa figura enigmática e verdadeiramente curiosa que merece menção antes de concluirmos este esboço sobre o Egito: trata-se do faraó **Amenófis IV (Akhenaton)**. Vimos que os egípcios eram politeístas (cultuavam vários deuses e forças da natureza) e idólatras (inclusive prestavam adoração aos animais e alguns de seus deuses eram representados integralmente como animais ou apenas com a cabeça animalesca). Era este o ambiente ou o quadro cultural no qual estavam inseridos os egípcios; eis que aparece abruptamente a figura de **Amenófis**, o reformador.

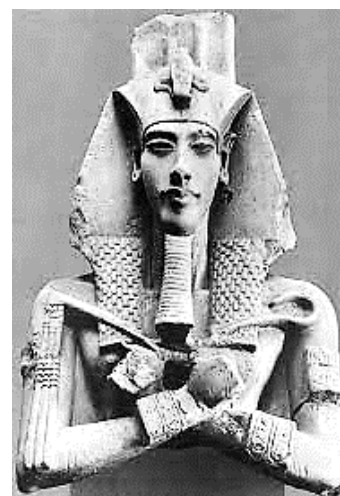


Figura curiosa e impressionante que surgiu por volta do século XIV a.C., casado com uma bela rainha chamada Nefertiti, Amenófis IV iniciou uma violenta luta contra os chefes da velha seita de Rá, combateu a velha idolatria egípcia – muito difundida nas províncias do país – **e tentou com todas as forças estabelecer uma nova crença e um novo culto monoteísta**: o faraó afirmou que havia apenas um único deus, que ele denominava de Áton (simbolizado pelo Disco Solar); além disso o faraó mudou seu nome para Akhenaton (“*aquele que agrada Áton*”) e transferiu a capital de seu reinado para a cidade de Akhetaton (“*horizonte de Áton*”).

Há muitos vestígios e sinais desta época. A expressão artística é capaz de nos chamar profundamente a atenção: o faraó e Nefertiti são retratados sempre de forma muito leve, quase íntima. As representações causam a impressão de familiaridade, de que há uma relação familiar sincera e verdadeira entre ambos. Um outro aspecto importante da arte desta época: o faraó é frequentemente representando adorando o Disco Solar.

Akhenaton é uma figura impressionante. O faraó tem suscitado muitos questionamentos e certamente fica a seguinte pergunta: teria Akhenaton sofrido alguma influência (ainda que remota) dos hebreus? Seria o faraó um indivíduo com predisposições filosóficas (metafísicas)? Ou será que sua iniciativa – ao tentar implementar um culto monoteísta em pleno Egito – seria um indício de um desejo profundo pela Verdade, ou de

algo inscrito no coração humano e uma ânsia de encontrar o Deus verdadeiro? O faraó não tinha a Revelação e não era um membro do Povo Eleito do Velho Testamento. Lamentavelmente, não temos uma resposta para as questões levantadas, mas ficam abertas como conjecturas. O fato lamentável é que após a morte de Akhenaton, os seguidores do velho culto de Rá, com ódio e sede de vingança, tomaram o poder no Egito e reestabeleceram a idolatria a deuses como Rá, Hórus, Seth e o chacal Anúbis. A reforma de Akhenaton foi esquecida e sua cidade destruída e abandonada...

Para concluir esta aula, cremos que seja muito proveitoso mostrar aqui uma das mais significativas passagens da Literatura Egípcia, o Hino do Sol composto pelo próprio Akhenaton. A seguir um trecho:

“Bela é a tua alvorada, ó Áton vivo, Senhor da eternidade!

Tu és brilhante, tu és belo, tu és forte!

Grande e profundo é o teu amor: os teus raios cintilam nos olhos de todas as tuas criaturas; a tua pele espalha a luz que faz os nossos corações viver.

Tu encheste as Duas Terras com o teu amor, ó belo Senhor, que a ti mesmo te criaste, que criaste a Terra inteira e tudo o que nela se encontra, os homens, os animais, as árvores que crescem no chão.

Levanta-te para lhes dar vida, pois tu és a mãe e o pai de todas as tuas criaturas. Os teus olhos voltaram-se para ti quando ascendes no firmamento. Os teus raios iluminam toda a Terra; o coração de cada um enche-se de entusiasmo quando te vê, quando tu lhes apareces como seu Senhor.”

EXERCÍCIOS

1. Faça um resumo das duas primeiras partes desta aula.
2. Qual explicação Santo Tomás de Aquino fornece em sua Suma para o fato de Eva ter sido retirada da costela de Adão?
3. Quais eram os três filhos de Noé? E os filhos de Noé deram origem a quais povos do Mundo Antigo?
4. Por que o historiador grego Heródoto afirmava que o "Egito é um presente do Nilo"? O que significa tal frase? Descreva alguns aspectos da geografia do Egito.
5. Como surgiu a sociedade no Vale do Nilo? O que eram os nomos?
6. Em que acreditavam os egípcios e o que foi a reforma de Amenófis IV ou Akhenaton?

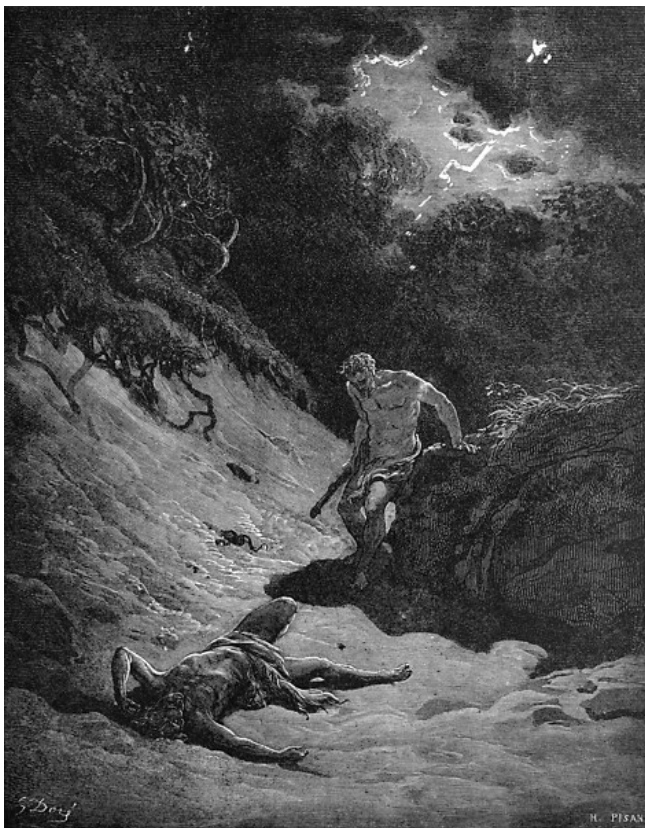


AULA 07

A HISTÓRIA DO POVO DE DEUS

I

CAIM E ABEL: UMA FIGURA DA CIDADE DOS HOMENS E UMA DA CIDADE DE DEUS



Como Nosso Senhor Jesus Cristo disse e os padres da Igreja também salientaram, Abel era um homem justo perante o SENHOR: o filho de Adão e Eva era um *pastor*, e, como tal, vivia de forma a não permanecer preso (fixado) em um local específico; era, por assim dizer, um *nômade* que não permanecia apegado à terra. O nômade ou o pastor de ovelhas é um *peregrino*, alguém que caminha constante e desapegadamente, que vê a beleza dos caudalosos rios, pratica a pesca, colhe os frutos das árvores, etc.; o nômade ou o peregrino nunca se fixa de forma definitiva num local. Ele está disposto a viver em conformidade com a benevolência e liberalidade do Senhor. Ao contrário do *agricultor*: o *homem sedentário*, preso à terra e apegado ao ciclo das estações e às normas e aos códigos (criador de regras

e leis). Ora, Caim tornou-se *agricultor*. De acordo com o padre Alfredo Saenz, um filósofo contemporâneo de Nosso Senhor Jesus teria afirmado em uma de suas obras que “*Abel é ação de graças e Caim o espírito de propriedade*”. Tal filósofo, Fílon da Escola de Alexandria, também disse: “*Porque um deles trabalha e cuida dos viventes, ainda quando sejam irracionais, dedicando-se alegremente ao trabalho pastoral, que é preparatório para o governo e a realeza. Mas o outro [Caim] se ocupa das coisas terrenas e inanimadas.*”

Caim trouxe “*frutos do solo para oferecer ao Senhor*”, enquanto Abel “*trouxe os primogênitos do seu rebanho*”. O cultivo da terra de Caim, conforme Santo Hilário, é um claro sinal das obras da carne, e todo fruto da carne consiste em vícios que nos afastam da relação com Deus. Por outro lado, o sacrifício de Abel “*agradou ao Senhor*”: feito com zelo e sinceridade, o ato de Abel pode ser considerado “**como um típico gesto sacerdotal**” (padre Alfredo Saenz) e um *sinal* ou *figura* da Igreja, que oferece o sacrifício do Santo Corpo, o Cristo Eucarístico.

O filósofo de Alexandria faz um comentário que é digno de citação:

“As Escrituras fazem distinção entre o que se ama a si mesmo e o que ama a Deus. Sim, porque um deles tomou para si os frutos das primícias e pensou impiamente que Deus fosse digno apenas dos segundos frutos. Pois as palavras ‘depois de alguns dias’ [‘tempos depois’], em vez de ‘imediatamente’, e das ‘oferendas’, em vez de ‘das primícias’, indicam grande perversidade. Mas o outro [Abel] ofereceu as primícias e os animais mais velhos sem nenhum atraso, sob nenhuma condição e sem nenhuma rejeição de seu Pai. [...] o que oferece algo como dom oferece-o por inteiro, parece, ao que o recebe. E o que ama a si mesmo é alguém que causava desavença, como o foi Caim, enquanto o que ama a Deus é um doador, como o foi Abel.” – Filon de Alexandria em **Questões Sobre o Gênesis**.

Conforme nos mostra o padre Alfredo Saenz, em seu livro *Cristo y las figuras bíblicas*, Caim e Abel constituem dois **tipos** ou **figuras** das duas cidades tratadas por Santo Agostinho: a **Cidade dos Homens** [Caim] e a **Cidade de Deus** [Abel]. Conforme Santo Agostinho, Caim, que passou a viver errante e *fugiu* para Nod, foi um *fundador de cidades* e “*cidadão deste mundo; ao contrário, Abel, o nômade, é como um estrangeiro na terra... pela graça é um cidadão do céu.*”. A **Cidade dos Homens** [Caim] está fundada no **orgulho**, na **vaidade**, no **sangue derramado** por ódio.



Caim fora punido e marcado por Deus, e, depois, refugiou-se a leste das terras do Éden (**Nod**). Adão gerou Set e a linhagem de Set prolongou-se até Noé. De Adão até Noé houve, assim, **dez patriarcas**. Um primeiro período da história da humanidade. O número **dez** possui um importante valor simbólico: trata-se de indicar algo terminado, concluído ou fechado. Ou seja, na época de

Noé, um certo ciclo completara-se. Eis a genealogia: **Adão** gerou **Set**. **Set** foi pai de **Enós**. Enós gerou **Cainã**. Cainã gerou **Malaleel**, que foi pai de **Jared**. Jared gerou **Henoc**. Este gerou **Matusalém**. Matusalém gerou **Lamec**. Lamec foi pai de **Noé**.

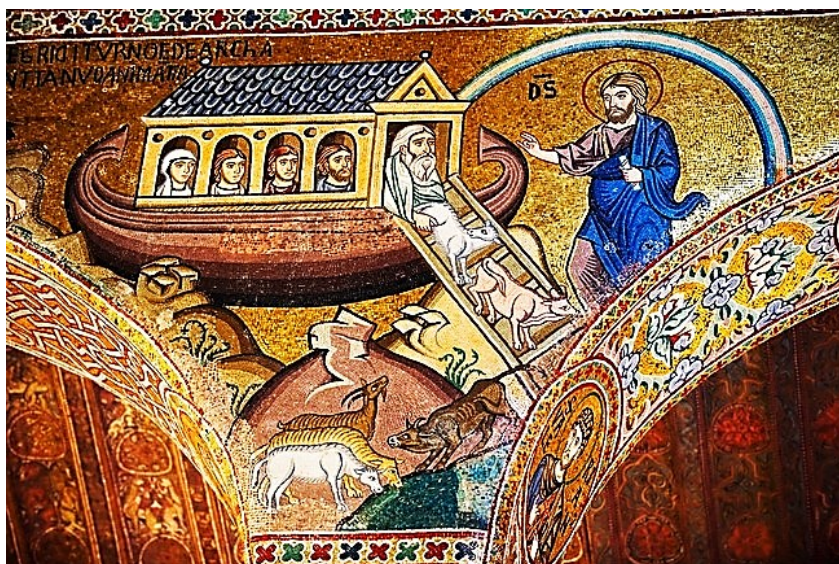
Entristecido com a más intenções e crueldades da humanidade, Deus decidiu cobrir toda a terra com as águas de um **Dilúvio**. A tradição cristã passou a representar a Arca de Noé e

as águas do Dilúvio como *sinais* (*prefigurações*) da Igreja e do Batismo. Enquanto a madeira da Arca se refere à madeira da Cruz, as águas diluvianas se referem ao Batismo.

II

O DILÚVIO E UMA ALIANÇA COM A HUMANIDADE

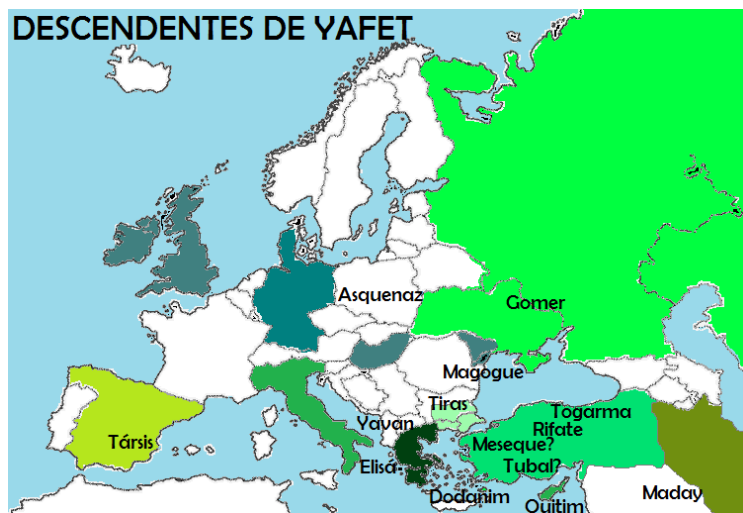
A Aliança de Deus com Noé – Foi com e em Noé que Deus estabeleceu um novo (e essencial) elemento na História da Salvação: a **aliança**. Através de Noé e sua linhagem, Deus fundou uma obra restauradora; a aliança é estabelecida, *não com um povo em particular, mas com todo o gênero humano e com o cosmos*: “O SENHOR respirou o suave odor e disse em seu coração: ‘Nunca mais tornarei a amaldiçoar a terra por causa do ser humano, por ele ter más intenções no coração desde a infância; nunca mais tornarei a atingir todo ser vivo como acabo de fazer.’” (Gênesis 8, 21). O Livro de Gênesis nos mostra Deus estabelecendo a Sua aliança, que seria simbolizada pelo arco-íris:



Mosaico cristão-oriental que representava a Aliança de Nosso Senhor com Noé (humanidade)

“E Deus disse a Noé, acompanhado de seus filhos: ‘Quanto a mim, estabelecerei minha aliança convosco e com vossa descendência depois de vós, com todo ser vivo que está convosco: as aves, os animais domésticos, todos os animais selvagens da terra, tudo o que saiu da arca, enfim todos os animais da terra. Estabeleço convosco a minha aliança: nunca mais será eliminada toda a carne pelas águas diluviais, nunca mais haverá dilúvio para destruir a terra.’ E Deus disse: ‘Este é o sinal da aliança que estabeleço entre mim e vós e todo ser vivo que está convosco, pelas gerações para sempre: ponho nas nuvens meu arco, como sinal de aliança entre mim e a terra.’” (Gênesis 9, 8-13)

Os filhos de Noé – Noé foi pai de **Sem, Cam e Jafé**. Foi a partir destes três que as nações e os povos da nova humanidade, Pós-Dilúvio, se formaram. Entretanto, um fato crítico ocorreu: Noé, após descer as encostas do monte Ararat, tornou-se agricultor e cultivou uvas. Certa vez, ao produzir vinho, Noé embriagou-se e ficou despido. Seu filho Cam (que foi pai de Canaã) viu o estado de seu pai e foi contar aos outros irmãos, Sem e Jafé, que, prontamente, pegaram um manto e cobriram seu pai. Depois de acordado, após a embriaguez, ao reaver a lucidez, Noé soube do desrespeito de Cam e disse: “‘Maldito seja Canaã! Que seja o escravo dos escravos de seus irmãos.’ E disse também: Bendito seja o SENHOR, Deus de Sem, ao qual Canaã servirá como escravo. Que Deus amplie Jafé, que ele habite nas tendas de Sem, ao qual Canaã servirá como escravo.” (Gênesis 9, 25-27)



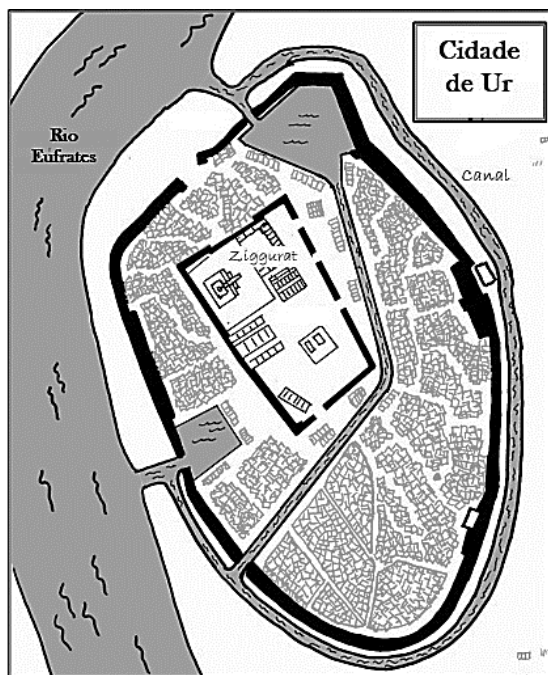
de indo-europeus: os povos dispersos entre a Ásia e a Europa ao norte da Mesopotâmia, Palestina e Ásia Menor. A linhagem de Javã (que se estabeleceu em ilhas) deu origem aos gregos (os *povos da hélade*).

Cam foi pai de Cuch (Cuxe), Mesraim (Mizraim), Fut (Pute) e Canaã. Os filhos de Cuche foram Sebá, Hévila, Sabata, Regma e Sabataca. Cuch também gerou **Nemrod**, “o primeiro a se tornar valente na terra”, que fundou cidades como Acad, Calane, Arac, **Babel**, **Nínive**, Reobot-Ir, Calé e Resen. **Canaã** gerou **Sídon** (primogênito) e Het, assim como também deu origem aos povos jebuseus, amorreus, os gergeseus, os heveus, os areceus, os sineus, os arádios, etc. As tribos dos cananeus dispersaram-se e os “*limites dos cananeus se estendiam desde Sidônia, em direção a Gerara, até Gaza; e daí em direção a Sodoma e Gomorra, Adama e Sobim, até Lesa*”. (verificar Gênesis 10, 15-19).

É necessário recordar que **Nemrod** fundou cidades como **Babilônia** e **Nínive**. Como vimos, conforme certa tradição (relatada pelo historiador Flávio Josefo), teria sido Nemrod o responsável pela construção da **Torre de Babel**. As Sagradas Escrituras não mencionam tal fato e nem mesmo explicitam aquilo que é contado por Flávio Josefo: na verdade, as Escrituras nos mostram que os homens (certamente ainda nos primórdios desta Época Pós-Diluviana), quando ainda falavam uma só língua, se estabeleceram numa vastíssima planície no *Senaar* (a Mesopotâmia/Iraque, ou a antiga Suméria e Acádia), onde iniciaram a construção de uma enorme **torre**. Deus, que conhece a consciência e as intenções dos homens, “*desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo. E o SENHOR disse: ‘Eles formam um só povo e todos falam a mesma língua. Isto é*



apenas o começo de seus empreendimentos. Agora, nada os impedirá de fazer o que se propuserem. Vamos descer, vamos confundir a língua que eles falam ali, de modo que um não entenda o que diz o outro.” (Gênesis 11, 5-7). E os homens, que passaram a falar línguas muito diferentes, se dispersaram por todo o mundo.



A cidade de Ur ficava estabelecida em uma elevação às margens do rio Eufrates. Por meio de um sistema de canais de irrigação, as águas do Eufrates eram canalizadas até a cidade. No centro de Ur

E a linhagem de Sem? Sem foi pai de Assur, **Arfaxad**, Lud e **Aram**. Os filhos de Aram foram Hus, Hul, Geter e Mês. Aram foi assim pai dos povos **araméus**. **Arfaxad** gerou Salé, Salé gerou **Héber** (*hebreus*); Héber gerou Faleg e Jectã. Jectã gerou muitos filhos: Elmodad, Salef, Jaré, Abimael, Ofir, Hévila, Jobab, etc. Faleg, o primeiro filho de Héber, gerou Reú, que foi pai de Sarug. Sarug gerou Nacor. Nacor gerou **Taré**. Taré foi pai de **Abrão**, Nacor e Arã. Dez gerações passaram-se de Sem até Abrão.

O contexto e a época dos tareítas – A cidade de Ur (a “*Ur dos Caldeus*”) ficava na região meridional do Senaar (ou Sinear, a região da Suméria), próxima do Golfo Pérsico. A cidade estava estabelecida à margem do rio Eufrates, em uma área artificialmente elevada e envolta por canais de irrigação e reservatórios de água. A cidade de Ur era um verdadeiro centro urbano: havia uma liderança

citadina (um **patesi**), uma estrutura burocrática e práticas comerciais e contratuais bem estabelecidas. Nos arredores de **Ur** havia uma área dedicada ao cultivo de bens agrícolas como centeio, cevada, tâmaras, etc.

Ur era protegida por enormes e resistentes muralhas - um fato bastante comum no Mundo Antigo, uma vez que os homens levavam em consideração a possibilidade de invasões e saques de bárbaros ou mesmo de cidades inimigas. No interior de Ur havia um grande número de ruas estreitas e casas pequeninas, onde viviam os artesãos, comerciantes e agricultores. No centro da cidade estava a enorme torre escalonada: o Zíгурate. Naquela época todos os povos e as grandes nações (ou civilizações) viviam conforme os seus mitos: grandes narrativas cosmogônicas que tentavam explicar a origem do Universo, dos fenômenos naturais e da sociedade humana. Os homens da Antiguidade, assim, caíram na idolatria e acreditaram na existência de vários deuses: potências que personificavam forças ou entes da natureza. Eis a situação na época de Taré: os homens de Ur cultuavam e idolatravam um deus-



Hamurabi: rei de Babilônia por volta de Segundo Milênio a.C.

Lua, chamado **Nana** (**Nanar-Sin**); foi por isso que muito tempo depois “*Josué falou a todo o povo: ‘Assim diz o SENHOR, Deus de Israel: Vossos pais – Taré, pai de Abraão e Nacor – habitaram outrora do outro lado do rio Eufrates e serviram outros deuses. Mas eu tirei Abraão, vosso pai, do outro lado*

do rio Eufrates e o conduzi através de toda a terra de Canaã, e multipliquei a sua descendência.” (Josué, 24, 2-3).

Em termos políticos, a cidade de Ur – da época de Taré e Abrão – era dominada pelo Império Babilônio de Hamurabi, o rei legislador. A vida dos homens naquele contexto era muito mais dura e austera do que a dos homens modernos. As leis eram mais rígidas e na maioria das vezes a piedade parecia não reinar no coração dos homens: o **Código de Hamurabi** baseava-se na noção da *Lex Talionis* (“Lei de Talião”), que é resumida muitas vezes pela expressão “*olho por olho, dente por dente*”; ou seja, de acordo com os homens da Mesopotâmia, sob domínio de Hamurabi, os crimes e as transgressões deveriam ter punições proporcionais (“*se alguém arranca o olho a um outro, se lhe deverá arrancar o olho*”).

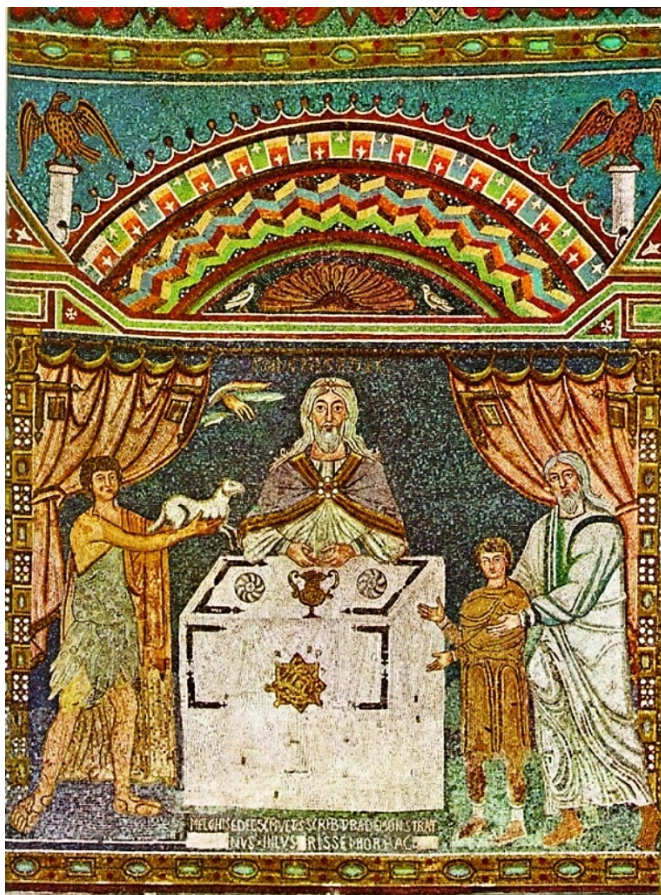
III

A ÉPOCA DOS PATRIARCAS: A ALIANÇA DE DEUS COM ABRAÃO

Taré, Abrão e a migração para Harã– Por volta de 2.000 a.C., Taré foi pai de Abrão, Nacor e Arã. Arã foi pai de Ló, mas faleceu enquanto Taré ainda era vivo e morava em Ur. Abrão e seu irmão Nacor tomaram esposas para si. Abrão casou-se com Sarai e Nacor casou-se com Melca. Depois que Arã morrera, Taré partiu de Ur, com seu neto Ló e as famílias de Abrão e Nacor, em direção a terras setentrionais e estabeleceu-se em Harã. Taré e sua família permaneceram estabelecidos em Harã.

Harã ficava fora da Mesopotâmia (atual Iraque): suas terras estavam situadas a noroeste do Reino de Hamurabi, se bem é possível considerar que estivesse sob influência política, cultural e econômica de Hamurabi e abaixo da região dos montes Tauros e do planalto da Anatólia. Estes territórios formavam a região de **Padã-Arã**: uma vasta região formada por campinas, estepes e planícies de clima ameno, com belas flores como margaridas, tulipas e outras espécies. Harã ficava na porção central desta região de Padã-Arã. Trata-se, portanto, de uma área bastante agradável para nômades e criadores de animais. Foi aí que Taré estabeleceu-se e certamente por isso a região tornou-se importante para o Povo Eleito: Padã-Arã será a terra dos antepassados e ancestrais; foi nesta área que se procurou mulheres para casamento: Rebeca foi tomada como esposa por Isaac e Raquel tornou-se esposa de Jacó.

A vocação de Abrão – Com a morte de Taré, Abrão tornou-se o novo patriarca. E Deus o chamou: “O SENHOR disse a Abrão: *‘Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. Farei de ti uma grande nação e te abençoarei: engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção!’*” (Gênesis 12, 1-2). E, assim, ao obedecer a Deus, Abrão saiu de Harã rumo à terra de Canaã: levou consigo sua esposa Sarai, seu sobrinho Ló e os escravos adquiridos em Harã.



Representação em mosaico de Abel, Abraão (e Isaac) e Melquisedec. Os primeiros cristãos (época da Patrística e começo da Idade Média) representavam as prefigurações de Cristo no Velho Testamento.

A promessa de Deus – Ao tomar suas coisas e partir em direção à terra prometida, Abraão mostrou-se confiante e fiel a Deus: (...) *“atravessou até a localidade de Siquém, até o carvalho de Moré. Nessa terra viviam os **cananeus**. O SENHOR apareceu a Abraão e lhe disse: ‘Darei esta terra à tua descendência’*” (Gênesis 12, 6-7). É provável que em sua rota para as terras meridionais, o filho de Taré tenha passado pela região que posteriormente foi chamada de Palmira e seguiu atravessando o deserto da Síria, em direção a Damasco e seguindo a rota a leste das terras fenícias. Ao chegar na região de Canaã (terras dos cananeus), o grande patriarca armou sua tenda nas proximidades de **Betel** e edificou um altar a Deus.

Tempos depois, a fome atingira a região de Canaã: o patriarca, filho de Taré, desarmou sua tenda, pegou sua esposa e escravos e migrou para as ricas e abundantes terras do Vale do Nilo. Abraão e Sarai permaneceram no Egito até que o faraó os

mandou embora. Do Egito, Abraão migrou novamente para a região de Canaã e recebeu uma confirmação de Deus: *“Levantai os olhos e, do lugar onde estás, olha para o norte e para o sul, para o oriente e para o ocidente. Toda esta terra que estás vendo, eu a darei para ti*

e à tua descendência, para sempre. Tornarei a tua descendência como o pó da terra: se for possível contar o pó da terra, será possível contar a tua descendência.” (Gênesis 13, 14-16). Abraão armou suas tendas perto de Hebron e “ali edificou um altar ao SENHOR”. Seu sobrinho, Ló, havia se separado e estabelecido na região próxima do rio Jordão (no vale do Mar Morto, onde havia muitas cidades na redondeza, como Sodoma e Gomorra).

Melquisedec – Eis que, tempos depois, eclodiu uma guerra: os reis do vale de Sidim (vale do Mar Morto) entravam em guerra contra os reis do Senaar e do Elam. Uma batalha foi travada e o rei de Sodoma e o de Gomorra fugiram da investida liderada pelo rei do Elam; inclusive, Sodoma, onde Ló vivia, foi saqueada e pilhada e Ló foi capturado. Foi assim que o Patriarca hebreu foi avisado sobre seu sobrinho e, conforme é narrado no livro de Gênesis, *“mobilizou trezentos e dezoito homens treinados, nascidos em sua casa, e perseguiu os reis ... e os derrotou...”*, resgatando Ló, com os bens e as mulheres. Eis que, depois da vitória de Abraão sobre os reis, ocorreu um fato de profundo significado místico: o misterioso rei de Salém, **Melquisedec**, trouxe **pão e vinho** e *“como sacerdote de Deus Altíssimo, abençoou a Abraão, dizendo: Bendito seja Abraão pelo Deus Altíssimo, criador do Céu e da terra. Bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos em tuas mãos.”*. E, então, Melquisedec não é mais mencionado na história,

desaparecendo curiosamente, e não deixando vestígios. De acordo com o padre Alfredo Saenz, alguns escritores católicos (como Santo Ambrósio) sustentaram que ocorreria uma verdadeira **teofania** neste episódio de **Melquisedec**: uma manifestação do Deus Altíssimo ao patriarca hebreu.

Melquisedec é uma **prefiguração** e um **tipo** de Nosso Senhor Jesus Cristo: é um rei e também um sacerdote. Como **rei** (de Salém) foi um modelo para os reis de Israel; no Salmo 75 é dito “*Deus é reconhecido em Judá, é grande seu nome em Israel. Sua tenda (tabernáculo) está em Salém e sua morada, em Sião.*”. O misterioso rei de Salém foi inclusive considerado como superior ao patriarca Abrão: aquele que está numa posição superior confere bênção ao que está numa posição menor. Trata-se de um monarca da paz.



Na Liturgia, na arte sacra e na evangelização, a Igreja unia a menção do sacrifício de Melquisedec ao sacrifício de Abel. Na imagem acima temos um mosaico da Igreja de Ravena (na Itália) mostrando a oblação do Pão e do Vinho de Melquisedec e o sacrifício de Abel perante Deus, como sinais do Sacrifício de Cristo, da Santa Missa e da Igreja.

Conforme o padre Alfredo Saenz, **Melquisedec** condensa em si o valor de todos os sacrifícios oferecidos desde Abel, ou seja, em uma época muito anterior aos israelitas. Ele seria assim o **protótipo** de Cristo, o Sacerdote da verdadeira e única **Religião**. Em Hebreus é dito: “*Este Melquisedec, rei de Salém, sacerdote de Deus Altíssimo, saiu ao encontro de Abraão, quando este regressava da vitória sobre os reis, e os abençoou. Abraão entregou a ele o dízimo de tudo. Primeiro, seu nome significa ‘Rei de Justiça’; e ele é também ‘Rei de Salém’, isto é, ‘Rei da Paz’. Sem pai, sem mãe, sem genealogia, sem início de dias, nem fim da vida, ele se assemelha ao Filho de Deus e permanece sacerdote para sempre.*” (Hebreus 7, 1-3).

Cabe ainda ressaltar: o rei-sacerdote de Salém evidentemente não era da tribo de Taré, ou seja, não pertencia ao clã familiar dos hebreus: diferente de Abrão e seus sucessores, não era circuncidado e nem estava subordinado aos preceitos e regras da Lei. Ainda assim foi constituído como sacerdote do Deus Altíssimo: **Melquisedec é figura (modelo) do sacerdócio universal de Cristo**. Ele não ofereceu o sangue de um novilho ou procedeu com um rito expiatório, mas fez a **oblação do pão e do vinho**, o sacrifício de ação de graças.

Estas coisas se passaram por volta do início do Segundo Milênio antes de Nosso Senhor Jesus Cristo. A partir de Abrão a História do Povo de Deus iria se desenrolar entre os povos e as grandes nações da Antiguidade. Abrão e os hebreus tiveram um primeiro contato com o Egito. Na região de Canaã viviam os povos cananeus (da linhagem de Cam); ao norte, viviam os fenícios (da Fenícia, atual Líbano); acima da Fenícia estava a Síria (onde em grande parte moravam os arameus e amorreus); e no Leste havia a Mesopotâmia, com seu centro em Babilônia (capital do Reino de Hamurabi).

ATIVIDADES

1. Explique por que Abel e Caim representam o homem espiritual e o homem terreno, ou a Cidade de Deus e a Cidade dos Homens.
2. Por que o sacrifício de Abel foi considerado um tipo (prefiguração) de Cristo e da Igreja?
3. Responda: a) De Adão até Noé houve dez patriarcas. O que isso significa? b) O que as águas do Dilúvio simbolizam?
4. A aliança de Deus com Noé e seus filhos foi estabelecida com toda a humanidade. De que se tratava esta aliança? O que Deus garantiu aos homens? Explique.
5. Os filhos de Noé deram origem a quais povos antigos? Descreva.
6. Depois do episódio da Torre de Babel, os homens dispersaram-se pelas várias regiões e na região sul da Mesopotâmia fundaram cidades-estados (Ur, Uruk, Eridu, Lagash, Nipur, etc.); descreva como era a cidade de Ur na época de Taré e seus filhos; o que havia na cidade; a cidade estava geograficamente em qual local e próxima a qual rio?
7. Como era a região de Harã (centro de Padã-Arã)? Descreva.
8. Depois que Taré faleceu, Abrão tornou-se patriarca. O que ocorreu? Para onde foi Abrão e seguindo qual chamado? Explique.
9. Depois de voltar para Canaã, Abrão teve de salvar seu familiar Ló de uma guerra entre reis do Vale do Jordão e reis do Senaar e do Elam. Eis que aparece a figura de Melquisedec, o “Rei da Justiça”: trata-se de um sacerdote e rei, que oferece pão e vinho para Abrão. Explique, com base no que foi exposto em aula, quem Melquisedec prefigurava? Explique.
10. Quem governava a Mesopotâmia na época de Taré e Abrão?



AULA 09

A HISTÓRIA DOS POVOS DA HÉLADE E A FORMAÇÃO DO MUNDO OCIDENTAL

“Filhos de Jafet: Gomer, Magog, Madai, Javã, Tubal, Mosoc e Tiras. (...) Filhos da Javã: Elisa e Társis, Cetim e Dodanim. Destes saíram os povos dispersos nas ilhas das nações, em seus diversos países, cada um segundo sua língua e segundo suas famílias e suas nações.” (Gênesis 10, 2-5)

I

A FORMAÇÃO DO MUNDO CONFORME AS SAGRADAS ESCRITURAS



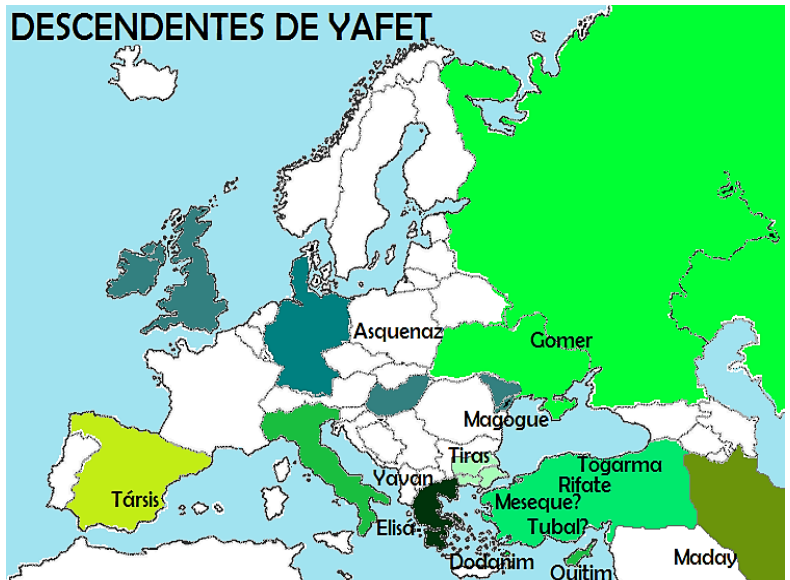
Formação do Mundo Antigo –

Há muito tempo, milhares de anos antes da vinda de

Nosso Senhor Jesus Cristo, ocorrera o Dilúvio Universal e, após este evento, narrado pelas Sagradas Escrituras, Noé aportou com sua Arca nos cumes do **monte Ararat** (Armênia). Como vimos anteriormente, Noé teve três filhos: **Sem**, **Cam** e **Jafé**. Portanto, conforme as Sagradas Escrituras, os povos antigos formaram-se a partir destes três:

Cam originou *Canaã* (os *cananeus*, um povo amaldiçoado), *Mizraim* (os egípcios), *Cuxe*, etc. **Cuxe** gerou **Ninrod** que foi o “primeiro homem poderoso na terra. Ele foi um caçador...” e fundador de cidades; **Ninrod** fundou **Babilônia**, onde estabeleceu seu reino e o expandiu para a

DESCENDENTES DE YAFET



Os descendentes de Jafé deram origem aos povos chamados de “indo-europeus”, ao norte Jafé foi pai de Javã, que foi pai de Dodanim, Társis, etc. ou seja, aos povos “dispersos nas ilhas” da Grécia.

Suméria. Após formar um reino poderosíssimo, o violento Ninrod migrou em direção ao norte (para a terra de Assur) e lá **fundou a cidade de Nínive**.

Sem, filho abençoado, gerou *Elam* (*elamitas*), *Arfaxad*, *Lud* e *Arão* (araméus). **Arfaxade** gerou *Salé*, *Salé* foi pai de *Heber* (o pai dos hebreus, de onde saiu a tribo de Abraão). **Jafé deu origem aos povos do norte** (também chamados de *indo-europeus*), como os *celtas*, os *italianos*, *gregos* e os habitantes da *Média* (de *Madai*, os medos e persas), etc. Jafé gerou Javã, que foi pai de Dodanin, Tárasis, etc. Esta linha de Jafé e seu filho Javã originou o povo grego.

E assim, após muitos e muitos séculos, formaram-se as grandes civilizações da Época Antiga, que eram descendentes destes vários clãs e grupos familiares.

II

O SUL DA PENÍNSULA DOS Balcãs E A FORMAÇÃO DA HÉLADE

A Grécia – A Grécia é uma terra montanhosa, com várias serras, colinas e elevações que separam pequenos vales uns dos outros; além disso, há poucos rios na região. Alguns estudiosos afirmavam que a Grécia tem uma aparência e formato estranho, com as praias sinuosas e repletas de golfos e penínsulas. O clima da região é agradável (chamado de clima mediterrâneo).

As primeiras civilizações da região do mar Egeu foram chamadas pelos historiadores e arqueólogos de “civilizações egeias”: **a)** a Civilização Cretense ou Minoica (que perdurou até o século XV); **b)** a Civilização Micênica ou Aqueia (que existiu entre os séculos XV e XII a.C.). A etnia dos cretenses é algo ainda desconhecido, mas, no caso dos aqueus, sabe-se que vieram do Norte (possivelmente, eram de origem indo-europeia). No século XII a. C. (ao que parece, posteriormente ao evento da Guerra de Troia), a Grécia foi invadida novamente: um processo migratório foi desencadeado quando os dórios começaram a se movimentar em direção aos Balcãs, o que causou a movimentação de outras tribos (jônios e eólios). Portanto, a partir do século XII, a Grécia foi ocupada por jônios, eólios e dórios: estes grupos tribais dispersaram-se pela Grécia e ocuparam as antigas cidades-fortalezas dos aqueus.

Composição étnica da Grécia a partir do século XII a.C.:

- **Aqueus** (permaneceram espalhados ao longo da península).
- **Dórios** (fixaram-se no Peloponeso, em Creta e no sul da Ásia Menor).
- **Jônios** (na península da Ática, no centro da Ásia Menor).

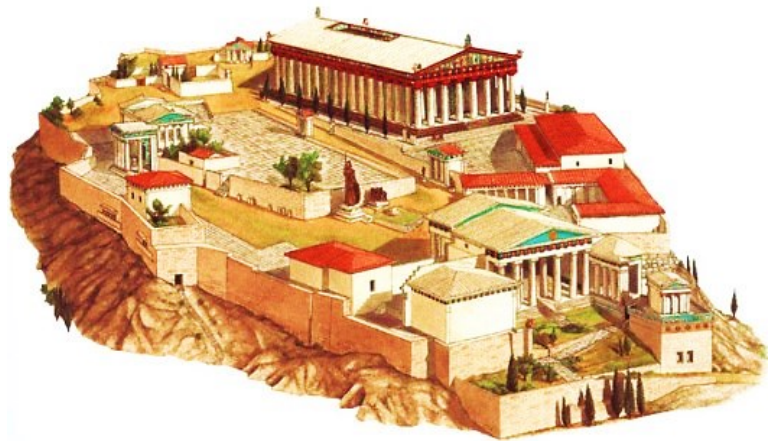


- **Eólios** (espalharam-se em regiões como a Tessália, Eubeia, ilhas do Egeu e no norte da Ásia Menor)

Depois da invasão dos dórios, a história dos povos da Grécia ganhou um curso muito impressionante: as cidades de Éfeso e Mileto desenvolveram-se e, gradualmente, constituíram-se em centros culturais durante os séculos VIII, VII e VI a. C. Na península dos Balcãs as duas cidades que tiveram o desenvolvimento mais importante foram respectivamente **Atenas** e **Esparta**.

As cidades gregas – Os habitantes da península grega (chamados também de *helenos*) criaram uma sociedade interessante e diferenciada: os homens da Grécia Antiga organizavam-se em **CIDADES-ESTADOS (PÓLIS)**. *Cada cidade-estado (pólis) grega tinha um governo autônomo, livre e independente!* Não havia uma autoridade superior ao governo da cidade-estado. E a verdade é que os governantes das várias cidades prezavam muito por esta autonomia e liberdade.

Inúmeras cidades-estados espalhavam-se ao longo da Grécia, das ilhas do mar Egeu e do litoral da Ásia Menor, como as cidades: **Tebas, Mégara, Delfos, Corinto, Micenas, Argos, Olímpia, Éfeso, Mileto, Halicarnasso** e as famosas cidades de **Esparta** e **Atenas**.



A região mais elevada da cidade-estado era chamada de ACRÓPOLE (“cidade alta”) e era onde ficava estabelecido, em seu ponto mais elevado e central, o templo. Em Atenas havia, na Acrópole, o Paternon para a deusa Atena.

As **cidades-estados** gregas formaram-se a partir de **grupos familiares (genos)**, cada um destes grupos familiares (genos) possuía um chefe familiar ou *páter* (que em Roma era chamado de *pater famílias*); na Grécia, as famílias que fundaram as cidades (ou que eram descendentes dos fundadores das cidades) consideravam-se **famílias aristocráticas** ou **NOBRES**, de origem diferenciada e guerreira. Por exemplo: os aristocratas de Esparta chamavam-se de **esparciatas**, e os aristocratas de Atenas eram os **eupátridas**.

As cidades-estados (*pólis*) gregas eram fundadas e formadas, portanto, por grupos de famílias ou clãs que seguiam e adoravam algum deus da Mitologia. Esses grupos (ou clãs) estabeleciam-se em uma região entre as montanhas ou colinas e lá passavam a cultivar uvas, azeitonas, cereais, etc. Em cada cidade-estado (*pólis*) havia uma área mais elevada no centro da cidade. Esta parte mais elevada da cidade era chamada de **ACRÓPOLE** (“cidade alta”).

A cidade-estado grega era formada da seguinte forma: a) a região da **Acrópole** (onde estabelecia-se o templo); b) a parte inferior, chamada de **Ágora**, onde ficavam as praças públicas; c) uma **área rural**, que permanecia fora dos limites das muralhas da cidade e, por fim, d) o **porto**.

Sobre a cidade-estado de Atenas – A cidade-estado (pólis) de Atenas é a mais conhecida e famosa dentre as cidades gregas. Isso ocorreu por causa da grande importância artística, intelectual e política de Atenas para a formação da civilização do Ocidente (a nossa civilização). Como disse certa vez o papa **Bento XVI**, *o nosso*

A Grécia – Cidades-Estados (Pólis)

A - Acrópole
B - Ágora
C - Zona rural
D - Porto



*mundo ocidental surgiu a partir da herança de três cidades: **Jerusalém, Atenas e Roma**.* Estas três cidades foram cruciais na formação da nossa sociedade: a) **Jerusalém** nos legou como herança a fé cristã; a Boa Nova foi anunciada pelos Apóstolos e os ensinamentos de Nosso Senhor foram preservados pela Igreja; b) **Atenas** nos deixou como herança a filosofia grega (representada por Sócrates, Platão e Aristóteles) e c) **Roma** nos deixou o Direito (Código de Leis).

E qual foi a importância dos atenienses? Os atenienses destacaram-se como artistas (escultores, pintores), atores (teatro), autores de peças teatrais (tragédia e comédia) e contribuíram com o surgimento da filosofia (com Sócrates, Platão e Aristóteles). Além disso, Atenas é considerada uma das mais importantes cidades-estados da Grécia por causa do seu desenvolvimento político bastante curioso: Atenas foi uma cidade que saiu do governo dos reis (monarquia), passou pelo governo dos nobres (aristocracia), pelas reformas legislativas (Dracon e Sólon), pela tirania (Pisístrado, Hípias e Hiparco) e, por fim, tornou-se uma Democracia com Clístenes.

Esparta sempre foi uma cidade-estado governada por aristocratas (Regime Aristocrático): os poderosos guerreiros esparciatas dominavam a cidade. Mas Atenas passou por várias mudanças: de Monarquia até Democracia, a cidade sofreu várias mudanças.

A seguir veremos uma tabela que resume as principais diferenças entre Esparta e Atenas:

Esparta	Atenas
Formada por esparciatas, periecos e ilotas .	Formada por eupátridas (“bem-nascidos”), periecos, metecos e escravos .
Os esparciatas eram os guerreiros de origem dória que governavam a cidade (Regime Aristocrático). Em Esparta os dois reis eram vitalícios. Um deles tinha função de comandante maior das tropas espartanas; o outro era responsável pelo culto de Ares.	Atenas era governada por reis até a época do rei Codro, mas depois passou a ser governada pelos eupátridas (Regime Aristocrático). Assim, os eupátridas de Atenas <i>estabeleceram o governo de 9 arcontes e o poder de Conselho do Areópago</i> (um Tribunal). Os arcontes eram eleitos e poderiam permanecer apenas 1 ano.

O Regime Aristocrático de Esparta possuía: Diarquia (dois reis); Éforos (fiscais e administradores), Assembleia de Guerreiros (Ápela) e a Assembleia ou Tribunal dos Anciões (Gerúsia).	Reformas Legislativas: Sólon foi o legislador que alterou profundamente a estrutura política da sociedade ateniense. Depois de Sólon, Atenas passou pela TIRANIA de Pisístrato e por fim chegou ao GOVERNO DEMOCRÁTICO no século V a. C.
--	--

EXERCÍCIOS

1. Quais as origens dos povos gregos conforme as Sagradas Escrituras?
2. Com o passar de séculos, a composição étnica da Grécia foi formada por quais grupos?
3. O que era a *pólis* grega?
4. Explique, de forma resumida e sintética, quais as diferenças entre Esparta e Atenas.



AULA 16

ROMA: REALEZA E REPÚBLICA

I

INTRODUÇÃO



A história de uma das mais impressionantes e duradouras civilizações antigas transcorreu no ambiente geográfico da península itálica: limitada a norte pela cadeia montanhosa dos Alpes, a oeste pelo mar Tirreno, a leste pelo mar Adriático e a sul pelo Mediterrâneo, a península da Itália é atravessada de norte a sul por uma enorme cadeia montanhosa, que forma uma verdadeira espinha dorsal: os Apeninos. A Itália, providencialmente, se encontra no centro do Mediterrâneo, de forma que é vizinha das penínsulas e ilhas da Grécia.



Símbolo máximo das origens lendárias de Roma, acima vemos a loba amamentando Rômulo e Remo.

Enquanto os povos da Hélade (gregos) se desenvolviam em suas **poleis**, formavam novas instituições políticas, narravam seus feitos em grandes guerras míticas e lendárias, lutavam contra os persas e expandiram-se sob domínio macedônio – de forma que sua cultura era plasmada à cultura dos povos orientais –, Roma crescia lenta e esplendorosamente no Ocidente. A cidade de Roma estava estabelecida no Lácio (**Latium**), às margens do rio Tibre, limitada ao norte pelas terras da Etrúria (atual Toscana).

A História de Roma tradicionalmente é dividida em três etapas ou épocas bem definidas: a **Realeza** (ou Monarquia), a **República** e o **Império**. Estes dois últimos períodos são bem conhecidos pelos historiadores e eruditos. Contudo, o período da Realeza é considerado diferenciado: trata-se de uma época opaca, pouco conhecida e em que o histórico se mistura e se plasma ao lendário e mitopoético. Os romanos propriamente acreditavam em tais lendas a respeito de suas origens, ou consideravam-nas como essenciais enquanto elemento fundador de Roma.

Do ponto de vista dos próprios romanos (tanto na poesia quanto na historiografia), se considerava, portanto, que as origens de Roma se relacionavam com heróis e semideus troiano Eneias, filho de Anquises e Vênus.

II

AS ORIGENS LENDÁRIAS DE ROMA: ENEIAS E OS TROIANOS

A Guerra de Troia e Eneias – De acordo com as narrativas de poetas e historiadores romanos (como Tito Lívio), Eneias era de nobre estirpe: era descendente tanto da nobreza troiana quanto dos deuses. Filho do mortal Anquises e da deusa Vênus (Afrodite), foi treinado pelo centauro Quíron, que lhe ensinou as artes da astronomia, botânica, medicina (cirurgia) e música. Na mitologia, Quíron era o grande professor dos heróis gregos (como Teseu, Ulisses e o próprio Eneias). Após aprender o domínio de algumas artes essenciais para a formação de virtudes e habilidades, Eneias voltou para Tróia e se casou com Creusa, filha do rei Príamo (pai de Heitor e Páris).

Conforme a antiga mitologia greco-romana, certa vez houve um concurso entre três deusas do panteão olímpico: Hera (Juno), Atena (Minerva) e Afrodite (Vênus), estimuladas e atizadas pela deusa da discórdia Éris, entraram em contenda para saber quem era a mais bela. Zeus, que se isentava em dar uma resposta definitiva, permitiu que um mortal fosse selecionado e que servisse de árbitro para solucionar a questão. Este mortal era justamente o príncipe Páris de Troia. Cada uma das deusas ofereceu algo a Páris, de forma que ele emitisse seu juízo. Afrodite (Vênus) havia oferecido ao mortal o amor da mais bela das mulheres mortais (a rainha Helena de Esparta). Esta foi justamente a escolha de Páris, que confirmou Afrodite como a mais bela.

Após a querela entre as deusas, Páris vai para Esparta e aproxima-se de Helena. Os dois fogem enamorados para Tróia e assim teve início a revolta dos gregos contra os troianos: o rei de Esparta, Menelau, pediu o auxílio de seu irmão Agamenon, que, por sua vez, chamou outros reis vassalos da Grécia para invadir Troia. E assim teve início a Guerra de Troia. Eneias teria procurado, em vão, alertar o filho mais jovem de Príamo, a respeito das



Eneias carrega seu velho pai Anquises. Seu filho Ascânio e sua esposa Creusa estão ao lado do herói troiano que fugia da invasão e destruição dos gregos em Troia.

consequências graves e funestas derivadas deste rapto de Helena e da violação da hospitalidade grega. Porém, foram desconsideradas as apelações de Eneias para que Páris restituísse a jovem aos gregos.

Após dez anos de cerco militar, os gregos enganaram os troianos ao usar o artifício do Cavalo de Tróia. Na noite em que a grandiosa e antiga cidade de Tróia foi invadida pelos gregos, o príncipe Eneias permaneceu lutando contra seus inimigos e tentava sempre os repelir; contudo, era tarde demais e a cidade da Ásia Menor não poderia ser salva. Ao perceber que estava tudo perdido e que era suplantado pelo número de gregos, Eneias colocou seu velho pai e os deuses penates sobre os ombros e correu com seu filho e sua esposa em direção à saída da cidade. Eneias havia reunido o maior número de troianos possível.

Durante a fuga precipitada, Eneias perdeu sua esposa, Creusa. Troia terminou sucumbindo em chamas; a cidade foi saqueada impiedosamente pelos gregos. Eneias seguiu com sua pequena frota de vinte navios para o litoral da Grécia. Aí costeou a região da Trácia, aportou próximo da região do Épiro e encontrou-se com Heleno, que lhe predisse a série de sofrimentos pelos quais Eneias e os troianos ainda passariam. Após esta passagem em terras gregas, novamente os troianos içaram velas e remaram pelo mar Mediterrâneo, perseguidos pela ira de Juno (ou Hera) – sempre colérica e impiedosa com os troianos de Eneias. Juno, inclusive, enviou os deuses-ventos de Éolo para destruir as naus troianas.

Eneias passou assim por muitas aventuras (e desventuras), navegando e conhecendo várias regiões, passando pelo reino de Dido, perdendo seu pai Anquises na região da Sicília. Por fim, na Itália, o príncipe troiano desceu ao Mundo dos Mortos (Hades) e nos Campos Elísios (morada dos heróis e dos virtuosos), onde encontrou-se com seu pai e os heróis troianos, que o informaram a respeito de seu destino e o de sua posteridade. Ao deixar o País de Hades, Eneias dirigiu-se até a região do **Lácio** (**Latium**) – uma área governada



Eneias derrota Turno, chefe dos rútuos. Turno era pretendente da princesa Lavínia. Entretanto, Latino concedeu sua filha em casamento a Eneias. Os etruscos (misterioso povo do norte) estimaram a guerra.

pelo rei Latino. Ao desembarcar no litoral do Lácio, próximo da foz do rio Tíbre, Eneias apresentou-se ao rei e contou sobre suas origens e seus sofrimentos. O rei, compadecido, acolheu o príncipe troiano e promoveu grandes festivais pela sua chegada e acolhida. Não tardou para que Eneias se apaixonasse pela bela princesa Lavínia e a tomasse como esposa (estabelecendo uma aliança com Latino). Após o casamento, a cidade de Lavinium foi fundada pelo herói troiano.

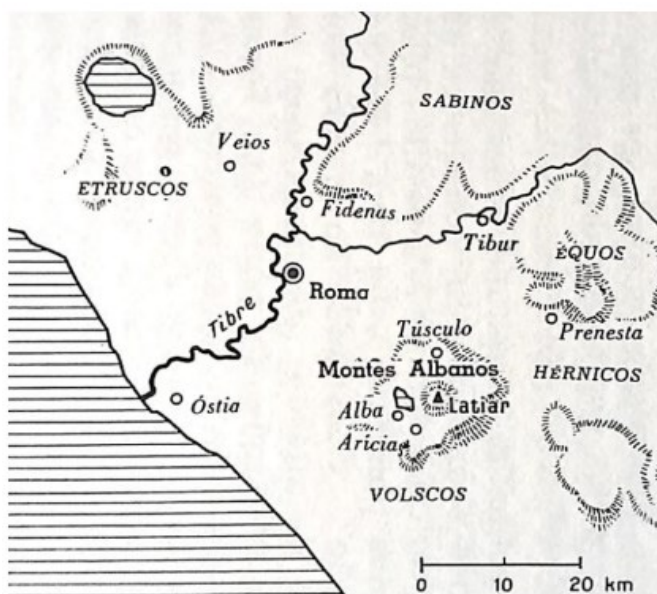
Eneias ainda assim enfrentou muitas oposições e contrariedades na vida: após chegar ao Lácio, quando finalmente tinha-se a impressão de que a paz reinaria, uma nova crise e ameaça se apresentou: os **rútu**los (liderados por **Turno**) ameaçaram com uma guerra no Lácio. A luta teve início: os soldados de Eneias se bateram contra as tropas rútu

las e Turno matou **Palante** (filho de Evandro, aliado de Eneias) e se apoderou de seu cinturão. O furor se apossou do coração de Eneias ao saber da morte de Palante: o herói lutou bravamente contra os inimigos e, no final, teve um embate decisivo contra **Turno**. O resultado do duelo foi a derrota do chefe rútu

lo, que, ferido, pediu a misericórdia do troiano. Eneias, contudo, ao avistar o cinturão de Palante, teria proferido (conforme canta Virgílio): “Como? Falas em vivo escapar, quando vejo que te enfeitaste com as armas dos meus? Quem te imola é Palante, pelo meu braço. Palante! E em teu sangue se banha execrável”. E assim Eneias enfiou sua espada no inimigo derrotado. A ordem fora reestabelecida no Lácio. Houve um período de quatro anos de paz e tranquilidade, até que novas batalhas e lutas recomeçaram contra os rútu



Eneias teria perecido às margens do rio Numício. De acordo com certa versão do mito, ele teria sido levado por Vênus após a purificação nas águas do rio. Na representação acima vê-se a deusa Vênus em uma carruagem dourada ordenando a purificação de Eneias, que, despido, é conduzido pelo deus Numício ao rio.



Fundada por Ascânio, a cidade de Alba Longa fora estabelecida aos pés do monte Albano. Ascânio tornou-se seu rei e a linhagem de Eneias se estabeleceu nesta cidade.

pelas encostas do monte, lhe valeu o nome de Alba Longa” (Tito Lívio). A descendência de Eneias, portanto, floresceu em Alba Longa: Ascânio foi sucedido por seu filho Sílvio (que nasceu na floresta, por isto foi chamado de Sílvio). Sílvio foi pai de Eneias Sílvio, que foi pai de Latino Sílvio, etc. O tempo passou e o rei de Alba Longa (chamado Proca) gerou dois varões: **Númitor** (o filho mais velho) e **Amúlio**.

Númitor era o descendente por direito do rei Proca e da linhagem dos reis Silvios de Alba Longa. Seu direito fundava-se na primogenitura. Porém, quando Proca faleceu, o jovem Amúlio destronou o irmão, em um golpe de Estado, e se fez rei de Alba Longa, cometendo vários crimes para manter-se no poder: assassinou os filhos varões de Númitor e obrigou a filha, Réia Sílvia, a se tornar uma sacerdotisa de Vesta (**vestal**). E, assim, Alba Longa ficou sob seu poder.

III

PRIMEIRO PERÍODO DA HISTÓRIA DE ROMA: A REALEZA

Rômulo e Remo – Amúlio cometia as maiores impiedades. Reia Sílvia tornou-se forçosamente uma vestal, conforme a vontade de seu tio. Ora, mas o que seria claramente uma vestal? Na mitologia greco-romana, **Vesta (Héstia)** era a deusa casta do lar, do fogo doméstico e protetora das famílias e da cidade. Alguns creem que foi Eneias quem introduziu na Itália o culto de **Vesta**, de forma que ela seria uma dentre os **deuses penates** dos troianos. Em Roma, estas mulheres ligadas à deusa eram obrigadas a guardar a castidade e em sempre manter e alimentar o fogo do templo aceso. As jovens eram selecionadas a se tornar vestais entre os seis e dez anos de idade; caso alguma jovem violasse o voto de virgindade seria severamente punida (poderia ser condenada à morte ou enterrada viva). Apesar deste rigor, as vestais usufruíam de grande dignidade e respeito e ninguém poderia tocar-lhes ou fazer-lhes mal.

Em sua ambição desmedida, Amúlio havia obrigado Réia Sílvia a se tornar vestal (e isto foi assim porque nesta condição sua sobrinha não conceberia filhos varões, herdeiros de Númitor). Mas, conforme as narrativas lendárias, o destino não beneficiou Amúlio, pois Marte (Ares), o deus da guerra, tomado de paixão pela beleza de Reia Sílvia, desceu do Olimpo e a tomou para si – e desta relação com o deus guerra, Reia Sílvia engravidou de gêmeos: **Rômulo e Remo**. Ao tomar conhecimento do fato, Amúlio mandou encarcerar Réia Sílvia e, após o parto, ordenou a um servo que atirasse os gêmeos nas águas do rio Tíbre. O funcionário de Amúlio decidiu colocar os bebês em um cesto que foi levado pelas águas do Tíbre. A correnteza levou o cesto que, em algum trecho, enroscou-se em juncos às margens



As vestais – mulheres que viviam em função do culto romano de Vesta. Réia Sílvia foi obrigada a se tornar uma vestal.

do rio. Ali permaneceu o cesto e os gêmeos puseram-se a chorar de fome e frio. Uma loba escutou o choro e, arrastado o cesto para terra, acolheu os bebês e os amamentou, saciando sua fome e os protegendo das intempéries.

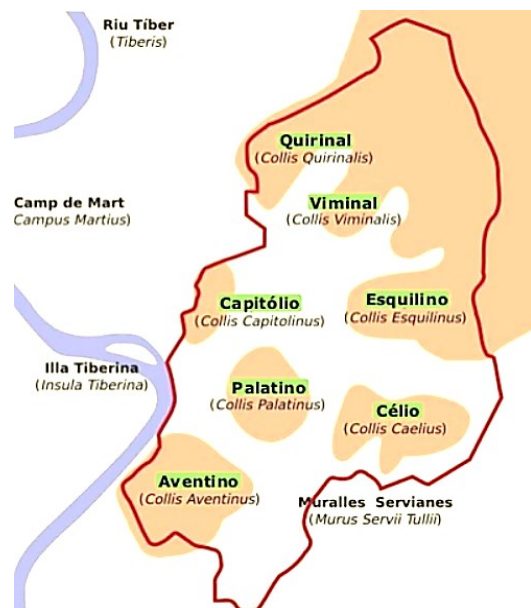


A morte de Remo e a fundação de Roma

A loba amamentava os bebês e eis que foi avistada por um pastor e camponês chamado Fáustulo, que passava por esta região. Fáustulo tomou a decisão de levar os bebês consigo e criá-los, até que atingissem a maioridade. E assim Rômulo e Remo foram criados e educados por um humilde pastor que os ensinou os afazeres domésticos, o trabalho no campo, etc. Quando mais velhos (na adolescência), os irmãos dedicaram-se à caça, o que lhes fortaleceu o corpo e desenvolveu as excelências da persistência e força de vontade. No início da maturidade, Rômulo e Remo tomaram conhecimento de sua verdadeira origem: o golpe de Estado e a perseguição de Amúlio, a prisão de Réia Sílvia, etc. E assim decidiram partir para Alba Longa: Remo acabou encontrando seu avô Númeritor, que o reconheceu ao ouvir sua história. Rômulo, liderando um grupo de

pastores subordinados, entrou no palácio real e assassinou Amúlio. Númeritor foi reestabelecido no trono e os gêmeos, que prezavam por sua liberdade, partiram com alguns pastores e cidadãos de Alba Longa para fundar uma nova cidade às margens do rio Tíbre (justamente onde foram encontrados pela loba).

O fratricídio e a fundação de Roma – Com autorização de seu avô, Númeritor (rei de Alba Longa), os irmãos dirigiram-se para próximo do rio Tíbre, no intuito de fundar uma nova cidade. Entretanto, não tardou para que dúvidas surgissem entre os gêmeos: quem seria o rei da futura cidade? Rômulo ou Remo? Outro fato: Rômulo defendia que a cidade fosse fundada ao pé do **monte Palatino** (e que se chamasse **Roma**), ao passo que Remo desejava que a cidade



Havia sete colinas em Roma: Capitólio, Quirinal, Viminal, Esquilino, Célio, Palatino e Aventino. A cidade foi estabelecida próxima do rio Tíbre.

fosse fundada nas bases do **monte Aventino** (e se chamasse **Remora**). Rômulo e Remo não entravam em acordo, e, para dificultar mais a situação, não sabiam quem era o primogênito. Para resolver o impasse os irmãos decidiram aguardar os **auspícios** (um *sinal dos deuses*, que indicasse quem seria o vencedor. Geralmente um sinal, uma estrela cadente, os pássaros voando em determinado horário, etc.). Alguns afirmam que Remo foi o primeiro que viu o sinal: seis abutres; por outro lado, Rômulo viu o dobro de abutres. Cada um dos irmãos tinha partidários que tornavam a situação mais conflituosa e conturbada. Em meio ao estado de ânimo acirrado e às discussões, Remo ofendeu Rômulo, que, irado e encolerizado, jogou-se sobre o irmão e o assassinou. Através de um ritual pagão, Rômulo escavou um pequeno buraco (chamado *mundus*), onde depositou terra de Alba Longa e de outras cidades vizinhas (ou das regiões de seus partidários). Tomando o círculo como centro da cidade, Rômulo, em seguida, estabeleceu as fronteiras da nova cidade.

Com o assassinato de Remo, Rômulo fundou a cidade de Roma e se tornou seu primeiro rei.

A REALEZA – Rômulo havia concluído a fundação da cidade de Roma e prontamente voltou-se para a organização política, social e administrativa da cidade. As principais medidas de Rômulo foram:

Rômulo reuniu seus seguidores (todos varões) e lhes deu **leis**.

Estabeleceu os **doze lictores**: seguranças e policiais que acompanhavam o rei de Roma. Os lictores usavam um feixe de varas (*fasci*) amarrados por uma correia vermelha em torno de um machado.

Estabeleceu um Conselho de Anciões: o **Senado**. Havia, na época da Realeza, **cem senadores**, sendo cada senador um *pater familias* (um **patriarca**, chefe de família **patrícia**). Os senadores eram os *patres* e seus descendentes os *patrícios*.

Rapto das Sabinas: Rômulo havia transformado a Urbe romana em um Estado consideravelmente poderoso e capacitado a enfrentar os inimigos externos e a se impor aos vizinhos. Mas havia um gravíssimo problema: a falta de mulheres. Não havia mulheres na cidade, logo não havia famílias e, portanto, em um curto espaço de tempo, Roma poderia desaparecer. Rômulo enviou embaixadores para as cidades vizinhas, mas nenhum povo quis enviar suas jovens filhas castas para se casar com os homens romanos. Repleto de ira e se sentindo ultrajado, Rômulo concebeu um plano: esperou o momento oportuno e preparou os jogos solenes em homenagem ao deus



Ao fundar Roma e se tornar o rei, Rômulo adotou a toga branca bordada, com uma longa faixa púrpura com detalhes dourados. Posteriormente, os patrícios adotaram a toga branca, inclusive ela tornou-se muito utilizada entre os membros do Senado.

Netuno. Os povos vizinhos foram convidados e durante as festas e comemorações em homenagem a Netuno, os homens romanos, a mando de Rômulo, raptaram as mulheres do povo Sabino. As sabinas foram obrigadas a se tornar esposas dos romanos; famílias formaram-se e as mulheres geraram filhos. A posteridade de Roma foi garantida.

Guerras com os povos limítrofes e imposição de Roma como um centro de poder: após o episódio do Rapto das Sabinas, outros povos (também atacados durante os festivais de Netuno) entraram em conflito com Roma. Muitas batalhas foram travadas e Roma destacou-se com seu exército. A guerra entre romanos e sabinos prosseguiu.

A paz com os sabinos: fora de Roma, o rei dos sabinos, Tito Tácio, ainda indignado com o rapto, decidiu reagir contra os romanos e durante anos os dois povos, romanos, e sabinos, permaneceram em estado de guerra: a questão só foi solucionada quando, em meio a uma das mais ferozes batalhas, as jovens donzelas sabinas se lançaram entre os dois exércitos apelando por uma trégua, e afirmando que estavam satisfeitas com seus esposos romanos. O historiador romano Tito Lívio escreveu a respeito



O Rapto das Sabinas

que as mulheres (sabinas) “suplicaram *ora aos pais (sabinos), ora aos maridos (romanos), que não cometessem um crime abominável cobrindo-se com o sangue de um sogro ou de um genro; que não manchassem com aquele delito as crianças que elas haviam posto no mundo, seus descendentes, netos de uns, filhos de outros: ‘Se este parentesco, se este casamento vos desagrade, é contra nós que se deve voltar a vossa cólera. Nós é que somos a causa desta guerra’*”. Tais palavras comoveram os combatentes, fez-se um silêncio repentino e o rei de Roma e o rei dos sabinos decidiram selar uma trégua: os dois povos se uniriam, os dois reis manteriam sua autoridade, mas a sede do poder seria a cidade de Roma. E assim ocorreu: romanos e sabinos uniram-se, Roma se engrandeceu e duplicou seu poderio. ***Este foi um primeiro sinal da capacidade de absorção e agigantamento de Roma.***

O fim do governo de Rômulo e os outros seis reis de Roma – Após a aliança com os sabinos e as várias vitórias sobre os inimigos externos, Rômulo, certa vez, ao se reunir em assembleia com as tropas, fazia a vistoria. Entretanto, conforme nos mostra Tito Lívio, uma “violenta tempestade acompanhada de trovões e névoa espessa” ocultou Rômulo de seus soldados e da assembleia. Rômulo desapareceu misteriosamente. Alguns afirmaram que Rômulo teria sido arrebatado na tempestade, como se fosse levado pelos deuses olímpicos: por isso, os romanos também o chamaram de **Quirino**.

A REALEZA foi o primeiro período da História de Roma. Segundo as narrativas lendárias e os historiadores romanos, foram **sete os reis de Roma: Rômulo, Numa**

Pompílio, Tulo Hostílio, Anco Marcio, Tarquínio Prisco (o Antigo), **Sérvio Túlio e Tarquínio, o Soberbo.**

Após a morte de Rômulo, houve um período de interregno em que o Senado exerceu autoridade sobre Roma. Havia uma espécie de indecisão: o próximo rei seria latino ou sabino? Após controvérsias, o sucessor de Rômulo foi escolhido entre os sabinos: **Numa Pompílio.**

O governo de Numa Pompílio – De forma geral, podemos afirmar que Numa Pompílio destacou-se como um rei construtivo, ordeiro, preocupado com as leis e os bons costumes, além disso, foi empenhado em estabelecer a paz com os povos vizinhos. Algumas das principais medidas administrativas e políticas de Numa Pompílio:

Construiu um templo para Jano, “*como símbolo da paz e da guerra*”: quando o templo de Jano estivesse aberto, seria sinal de tempos de guerra. Caso estivesse fechado, seria sinal de tempos de paz. Ora, só houve duas ocasiões em que o templo permaneceu fechado, sendo que uma delas foi no reinado do próprio Numa (portanto, um rei pacífico).

Organizou as crenças cosmogônicas dos romanos e a religião pagã: instituiu religiosos que ficariam responsáveis pelo culto de alguns deuses específicos: o religioso responsável exclusivamente pelo culto de Júpiter era chamado de *flamen dialis* (“dia luminoso”), sendo este o cargo mais alto entre os **flâmines**. **Estabeleceu também um flâmine para Quirino.**

Fortaleceu a posição do Pontifex Maximus: responsável pelos templos, pelas datas festivas e comemorações pagãs. Também seria responsável pelos ritos funerários, observar os presságios, etc.

Favoreceu as jovens vestais: as vestais passaram a receber uma espécie de pensão do Estado, de forma a que se dedicassem integralmente aos seus afazeres.

Tulo Hostílio – Foi um rei de origem latina. Ao contrário de seu antecessor (pacífico e prudente), Tulo Hostílio foi belicoso e violento ao empreender diversas guerras com os povos vizinhos; inclusive iniciou uma guerra contra a antiga Alba Longa, cujo auge ocorreu no episódio de combate entre os **irmãos Horácios** (três guerreiros romanos) e os **irmãos Curiácios** (três guerreiros albanos).

Na época, a região do Lácio sofria a ameaça dos povos da Etrúria, que mais uma vez interessavam-se em atacar o Lácio. Foi por causa desta possibilidade de uma invasão etrusca que se optou por um combate entre grupos de irmãos. No fim, houve o triunfo dos irmãos Horácios e Alba Longa aceitou sujeitar-se aos romanos: Roma tornou-se a líder e cabeça da **Liga Latina**.



O Juramento dos irmãos Horácios.

Anco Márcio (rei sabino) – Neto de Numa Pompílio, Anco Márcio manteve o domínio de Roma na embocadura do rio Tíbre e fundou um porto (de Óstia). Tinha um temperamento mais ameno e controlado, lembrando em muitos aspectos seu avô.

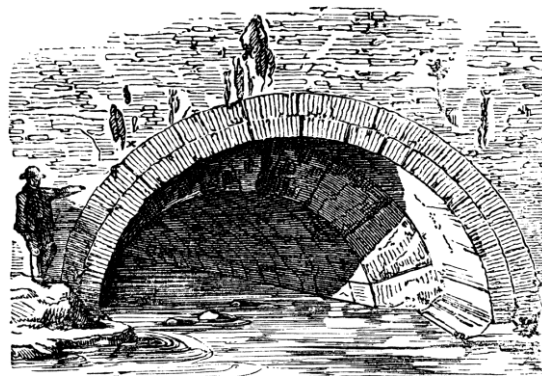
A Época dos Reis Etruscos:

Tarquínio Prisco (rei etrusco) – Nos últimos anos da Realeza, Roma foi submetida aos interesses dos etruscos. Os etruscos eram um povo de origem misteriosa. Eram comerciantes e tinham um contrato próspero com os gregos e os habitantes gregos da Magna Grécia. O governo etrusco de Tarquínio Prisco foi autoritário, mas o rei voltou-se muito para o empreendimento de urbanização da cidade: novos edifícios, ruas, a escolha de um local para formação do Circo Máximo (para os jogos e divertimentos), etc. Tarquínio Prisco também é o responsável pela construção de um sistema de esgoto: a **Cloaca Máxima**.

Sérvio Túlio (rei etrusco) – Sérvio Túlio foi um rei conciliador e procurou manter sua posição por meio de uma série de alianças familiares. Além disso, teria sido este rei um reformador de instituições sociais: a) teria estabelecido a formação de centúrias (com a finalidade de manter a disciplina e a organização militar de Roma); b) a Assembleia Centuriata teria a responsabilidade de zelar pelas decisões militares; c) de acordo com o historiador

romano Tito Lívio, teria Sérvio Túlio estabelecido o censo.

Tarquínio, o Soberbo (rei etrusco) – Este foi o último rei de Roma. Tarquínio, o Soberbo, era genro de Sérvio Túlio e subiu ao poder na cidade de Roma dando um golpe de Estado e assassinando o próprio sogro. Após este ato infame, inclusive, Tarquínio prontamente sufocou seus opositores e perseguiu seus inimigos políticos. Assim como Tulo Hostílio, Tarquínio foi um rei mais belicoso e de aspecto tirânico. Em 509 a.C., ocorreu uma revolta da nobreza romana (os patrícios): costuma-se dizer que o filho do rei Tarquínio



A Cloaca Máxima



Os etruscos formavam um povo de origem misteriosa e incerta (ainda hoje não há consenso entre os historiadores sobre sua origem). O fato é que viviam a norte de Roma, na atual Toscana, na região da Etrúria. Os etruscos foram grandes emuladores da cultura grega (helênica) de forma que eles transmitiram muitos aspectos da arte grega aos romanos.



A posição geográfica da Etrúria

(Sexto Tarquínio) violentou uma jovem patricia chamada Lucrecia. Após o ato criminoso, Lucrecia confessou ao seu esposo o crime que o filho do rei lhe fizera; após a denúncia, a jovem patricia cometeu suicídio. Este foi o fato ou estopim que gerou uma revolta de patrícios contra a monarquia etrusca. Tarquínio, o Soberbo, teve de fugir de Roma em 509 a.C. e os patrícios estabeleceram a República.



Um busto etrusco – uma das marcas mais características da arte etrusca mais elaborada é o realismo.

Os Etruscos – Os etruscos viviam na região centro-norte da península Itália, a norte do rio Tibre e de Roma. O território da Etrúria estava limitado a sul pelo rio Tibre e pelas terras do **Lácio**, a oeste pelo **mar Tirreno**, a leste pelo **rio Arno** e a norte pela região do Vale do Pó (chamada de **Galia Cisalpina**). Entretanto, não havia unidade política entre os etruscos: formavam uma confederação de **idades-estados** (de forma muito parecida com os gregos, em que cada cidade possuía autonomia). Entre os séculos IX e VII, as terras da Etrúria passaram por um processo de expansão, uma vez que a confederação etrusca passou a atacar as cidades e os povos vizinhos.

As principais cidades etruscas eram: **Veio**, **Tarquínia**, **Volterra**, **Arezzo**, **Perúsia**, **Vetulônia** e **Cortona**. A economia etrusca fundava-se em práticas comerciais (marítimas), na exploração de minérios e no cultivo de bens agrícolas como trigo, aveia, azeitonas e uvas. Eram fabricantes e vendedores de azeite e vinho.

IV

A REPÚBLICA ROMANA

Características básicas da República – Após a revolta patricia contra os etruscos (e mais especificamente contra Tarquínio), com o fim da Realeza, os patrícios (representados pelo Senado) estabeleceram uma nova organização política e forma de governo: a **República** (do latim **res publica**, “coisa pública”). A República romana baseava-se na noção de *liberdade política* dos cidadãos romanos (basicamente os patrícios), de *autoridade* do Senado romano (que se tornou o “cérebro” da República) e de *poder e competência* dos magistrados. Foi a partir da República que as **Magistraturas** (cargos públicos) ganharam maior importância: os antigos poderes administrativos, jurídicos e o poder executivo, concentrados antes na pessoa do rei, foram repartidos entre os magistrados. Por fim, a República romana era, ao menos no início, essencialmente uma República aristocrática, controlada pelos patrícios.



Os patrícios – cada agrupamento de famílias patrícias possuía um pater familias. O pater da família patrícia tinha plena autoridade sobre os filhos e a esposa. Foram os patrícios que fundaram a República e estabeleceram as magistraturas.

Patrícios e Plebeus –

Basicamente, a população romana estava dividida em dois grandes grupos: **patrícios** e **plebeus**. Sobre o primeiro grupo: **os patrícios** formavam um grupo aristocrático, uma nobreza que se percebia diferenciada por suas origens: consideravam-se descendentes dos



fundadores de Roma (os homens que haviam acompanhado Rômulo na fundação da cidade) e dos primeiros membros do Senado. Portanto, *o poder e autoridade dos patrícios viria de sua linhagem familiar*. Por outro lado, **os plebeus** eram estrangeiros ou descendentes de estrangeiros, ou seja, famílias emigradas para Roma posteriormente ao estabelecimento da cidade e de seus ritos religiosos. Portanto, os plebeus eram homens livres (de origem estrangeira), mas não possuíam direitos como cidadãos romanos, não poderiam participar das principais assembleias, não tinham expressão em termos políticos e não eram autorizados a frequentar as festas religiosas dos patrícios.

É claro que havia em Roma certas nuances na vida social, e nada era tão esquemático assim: por exemplo, havia alguns plebeus que possuíam certa condição especial como **clientes** (estavam vinculados aos patrícios por uma relação de **clientelismo**): plebeus que se colocavam sob proteção de um *pater familias* (um patriarca) e muitas vezes recebia benefícios como terras para cultivar, proteção jurídica, etc.

As Assembleias Romanas – Em Roma havia as assembleias: instituições antigas e com funções legislativas. As assembleias reuniam os diferentes cidadãos de Roma, de acordo com sua dignidade, função e origem. Havia em Roma basicamente três assembleias:

A **Assembleia das Cúrias**: em Roma existiam agrupamentos familiares, sob a liderança de um chefe patriarca (curião). O agrupamento familiar (como uma tribo) era chamado de Cúria. O **Comício Curial** ou **Assembleia das Cúrias** foi durante o período da Realeza a principal reunião de cidadãos romanos. Havia sido, supostamente, criada pelo rei Sêrvio Túlio. A Assembleia reunia o povo de Roma em **trinta cúrias** (portanto, havia 30 chefes familiares) e tinha autoridade e poderes legislativos (comitia). Durante as primeiras décadas de Roma, o Comício Curial ainda tinha influência e prestígio; mas, gradualmente, o poder legislativo concentrou-se no Senado.

A **Assembleia das Centúrias**: a Comitia Centuriana era a reunião de soldados/cidadãos organizados em centúrias (grupos de cem homens). Uma das funções principais da Assembleia Centuriata era a indicação e eleição de magistrados superiores (como cônsules e pretores) e deliberar sobre questões militares.

A **Assembleia das Tribos**: responsável pela eleição dos magistrados inferiores (questores, censores e edis); a assembleia funcionava de forma democrática e era presidida pelo cônsul ou por um pretor.

As Magistraturas – As magistraturas eram cargos públicos ocupados por patrícios (cidadãos romanos), por um certo período (geralmente um ano). As magistraturas dividiam-se em Magistraturas Ordinárias e Magistraturas Extraordinárias. As primeiras eram estabelecidas para o funcionamento da República e eram permanentes. A Magistratura Extraordinária era um cargo provisório, estabelecido em situações excepcionais (ameaças de invasão, guerras muito prolongadas ou rebeliões, etc.). A seguir vejamos as principais magistraturas:

Cônsules: em Roma, havia dois cônsules. Os cônsules possuíam plena autoridade e poder executivo (*imperium*), eram comandantes do Exército, presidiam sessões do Senado e das assembleias e



Na República romana, os cônsules presidiam as assembleias. Os cônsules tinham plenos poderes (como governadores), com autoridade militar e política. Contudo, permaneciam apenas 1 ano no cargo.

Q PRINCIPAIS MAGISTRADOS



eram protegidos pela guarda dos lictores. Uma pessoa eleita para a função de cônsul permaneceria apenas 1 ano no cargo. Havia dois cônsules, pois o Senado romano acreditava que o estabelecimento de dois governadores dificultaria uma tentativa de golpe de Estado.

Pretores: os pretores estavam abaixo dos cônsules na hierarquia das magistraturas. De qualquer forma, usufruíam de grande autoridade e poder. Os pretores possuíam poderes políticos, eram responsáveis pela justiça e poderiam comandar tropas militares fora de Roma. Durante a expansão romana, muitas vezes poderiam se tornar chefes de província. Os pretores eram chefes de justiça, portanto.

Edis – Os edis eram fiscais públicos, chefes e dirigentes dos serviços públicos. Eram responsáveis em fiscalizar as obras públicas (construção de edifícios públicos, pavimentação das ruas, fiscalização dos mercados romanos, etc.). Também eram responsáveis em manter a ordem pública em eventos religiosos e nos jogos públicos.

Censor – responsável pelo recenseamento da população. Além disso, supervisionava as despesas públicas e observava a conduta dos cidadãos.

Questores – cobradores de impostos e tribunos de modo geral. Eram responsáveis pelo tesouro público.

O Poder do Senado – Não seria um exagero afirmar categoricamente que o Senado formava (e foi, de fato) a instituição mais importante da República romana. De acordo com as lendas, teria sido criado por Rômulo como um Conselho de Cem Patriarcas (homens mais velhos e prudentes, chefes das principais famílias romanas). Na República



A Cúria Júlia – um ponto de encontro do Senado.

o Senado sofreu uma modificação: o número de senadores aumentou para trezentos e, até a época de Júlio César no século I a.C., seu número variou entre trezentos e mil membros. Diferente das outras magistraturas (em que o cônsul, por exemplo, ficava apenas 1 ano), os senadores eram vitalícios (permanentes, permaneciam no cargo até o fim da vida).

O Senado era a autoridade máxima da República romana. O Conselho que deliberava as leis, indicava os magistrados,

aprovava as deliberações e escolhas das assembleias, recebia embaixadores de outras nações e era o órgão responsável pela política externa de Roma. Os senadores deveriam fornecer assistência aos magistrados e muitas vezes poderiam intervir em suas decisões e até mesmo nas eleições das assembleias. As sessões do Senado ocorriam de portas abertas, mas eram vedadas ao público. Os senadores usavam uma toga branca com uma faixa larga da cor púrpura ou carmim, também possuíam um anel que os distinguia dos demais cidadãos.

A primeira sede do Senado localizava-se no Fórum romano, na **Cúria Hostília**. No final da República, o Senado passou a encontrar-se na **Cúria Júlia**.

ATIVIDADES

1. Quais são os períodos da História de Roma? Cite-os na ordem correta.
2. Resuma a história do herói troiano Eneias.
3. Quem fundou a cidade de Alba Longa?
4. Por que Amúlio (usurpador do trono de Alba Longa) transformou sua sobrinha Réia Sílvia em uma vestal? Aproveite e explique o que era uma vestal no mundo antigo.
5. Resuma a história de Rômulo e Remo desde o nascimento dos gêmeos até a fundação de Roma.
6. Uma vez como primeiro rei de Roma, quais foram as principais medidas políticas de Rômulo? Explique-as.
7. Cite o nome dos sete reis de Roma.
8. O que causou a queda de Tarquínio, o Soberbo, e a expulsão dos etruscos?
9. Quem eram os etruscos? Em qual região viviam e quais suas características principais? Quais eram as principais cidades etruscas?
10. Quais as diferenças entre patrícios e plebeus?
11. Quais as características básicas da República romana?
12. Qual a instituição mais importante da República? E quais eram suas funções?
13. Cite quais eram as principais magistraturas (ordinárias) estabelecidas no início da República. Em seguida, explique quais eram as funções dos cônsules e dos pretores.
14. Quais eram as funções dos edis e dos questores? Explique.



AULA 18

A MAIOR INIMIGA DOS ROMANOS: A CIDADE DE CARTAGO

I SOBRE CARTAGO



As origens de Cartago – Enquanto Roma crescia na Península Itálica entre os séculos VIII e IV a.C., nas vastas regiões litorâneas banhadas pelo Mediterrâneo, havia uma série de cidades portuárias que – se não pertencessem aos gregos – certamente eram **fenícias** ou **cartaginesas**. Na verdade, desde o século XV a.C., os fenícios sulcavam as águas mediterrâneas e empreendiam a construção de feitorias e colônias nas regiões litorâneas da África e da Península Ibérica.



Reconstituição do porto de Cartago. Ao longo dos séculos VIII, VII e VI formava-se na área oeste do Mediterrâneo uma civilização púnica (cartaginesa).

Os fenícios eram marinheiros e comerciantes (concorrentes dos gregos) que mantinham negócios com egípcios, italianos, sicilianos e ibéricos. Por volta do século IX a.C., os fenícios fundaram uma colônia no litoral africano: a cidade de **Cartago** (*Karthago*), que constituía parte da civilização fenícia que se formara ao longo do Mediterrâneo. Cartago era administrada por uma elite de comerciantes fenícios, mas, com o passar do tempo, a cidade/colônia distanciouse de seus fundadores. Na verdade, a Fenícia (Líbano), a partir do século VIII, caiu sucessivamente nas mãos de grandes impérios orientais: primeiramente os assírios, depois vieram os babilônios e, por fim, os persas no século VI (Império Persa). Devido a este cenário, Cartago gradualmente perdeu os laços com a metrópole fenícia e pôde tornar-se independente – desenvolvendo suas atividades econômicas e navais de forma autônoma.



É curioso e impressionante perceber que Cartago tornou-se uma potência naval e comercial simultaneamente ao desenvolvimento de Roma na Itália; tudo indica que Cartago atingiu seu apogeu entre os séculos V e III a.C., na mesma época em que Roma realizava sua expansão na Itália.

A expansão de Cartago – Rapidamente, os cartagineses impuseram a sua força e vontade entre os habitantes do norte da África (incluindo a região da Mauritânia) e as áreas dos atuais países do Marrocos e Tunísia. Na ilha da Sicília, os cartagineses chocaram-se contra os gregos (Magna Grécia) e conseguiram estabelecer seu domínio na região oeste da ilha. Na Sardenha e na Córsega, os cartagineses foram capazes de derrotar os etruscos; no sul da Espanha (Hispania ou Ibéria) criaram colônias para exploração das minas de prata e na região da Marselha (sul da Gália ou França) também criaram colônias e entrepostos comerciais, mantendo vínculos distantes com os gauleses.



Domínios do Império Cartaginês (civilização púnica).

O governo de Cartago – Embora a expansão de Cartago tenha sido consideravelmente rápida, o seu império era essencialmente marítimo e comercial e não tanto militar e cultural. O comércio púnico era bastante próspero e vários bens circulavam entre as regiões influenciadas ou subjugadas pela cidade: *ouro, marfim, prata, animais exóticos, escravos (ibéricos, sardos ou africanos), azeite, trigo, vinho*, etc.; uma infinidade de mercadoria era distribuída pelos cartagineses ao longo do Mediterrâneo.

Em termos práticos e reais, a cidade fenícia era um **regime plutocrático** (**plutocracia**, do grego *ploutos* – *riqueza*; e *cratos* – *poder*); trata-se de uma cidade governada por uma elite econômica,

ou seja, por riquíssimas famílias que controlavam a vida política. Dentre tais famílias governantes, havia uma rica e poderosíssima que originou grandes líderes militares: trata-se da **família dos Barcas**.

Em termos de política formal, além da **Liga de Comerciantes** (com poderes legislativos e jurídicos), controlada por ricas famílias, havia na cidade dois magistrados – chamados de **sufetes** (*juízes*). Em termos sociais, os cartagineses estavam organizados em grupos: **a)** a *elite plutocrática* (comerciantes mais ricos); **b)** os *pequenos comerciantes*; **c)** *pequenos trabalhadores* (artesãos, marceneiros, vendedores, etc.), **d)** *marinheiros* e **e)** *escravos*.

As crenças desprezíveis dos cartagineses – Os cartagineses seguiam diversas seitas e, como quase todos os povos antigos, eram politeístas; existem historiadores e arqueólogos que destacam a influência da mitologia e das crenças fenícias e amoritas sobre os cartagineses. Eles cultuavam vários deuses, mas, basicamente, nota-se que eles cultuavam a velha divindade pagã dos fenícios: *Baal* (chamado de *Baal'Hamon*, “*senhor da multidão*”) que exigia o sacrifício (*molke*) de recém-nascidos ou bebês de até dois anos. Neste ponto é preciso lembrar as palavras do grande historiador brasileiro Oliveira Lima em sua *História da Civilização*:

“Os cartagineses tinham fama de imorais, traiçoeiros e cruéis. Os romanos de certo lhes exageraram os defeitos (...); mas é fato que o Moloc [Moloque] cartaginês só era apaziguado com sacrifícios humanos. As vítimas eram colocadas sobre os braços estendidos do ídolo de bronze (um monstro com cabeça de touro) e rolavam para a fornalha que chamejava no seu interior.”

Moloc ou Moloque (também conhecido como Malcã) era um ídolo (considerado uma divindade solar), para o qual os povos amonitas, filisteus e fenícios prestavam culto idólatra e sacrificavam crianças, além de realizarem atos de imoralidade sexual. Em Cartago, muitas crianças foram sacrificadas (em certas épocas, em apenas um mês, cerca de 500 crianças eram jogadas na fornalha de Moloc). No início do século XX, arqueólogos/historiadores localizaram nas ruínas de Cartago aproximadamente 20 mil urnas com ossos das crianças queimadas e sacrificadas. Tanto os gregos como os romanos desprezavam a religião cartaginesa.



Os cartagineses idolatravam figuras demoníacas como Baal e Moloque (termo que talvez indicasse o nome do sacrifício, *molke*). Em Cartago cultuava-se e desejava-se bens materiais e dinheiro. Milhares de crianças foram mortas e imoralidade e devassidão imperavam na cidade.

II

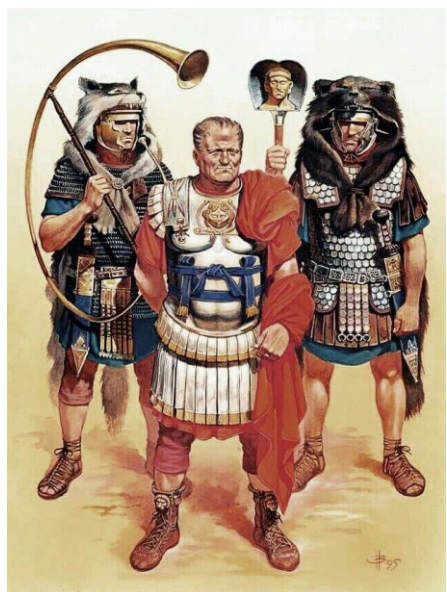
AS ORIGENS DA RIVALIDADE

Roma e Cartago – Roma crescia na Itália: a cidade do Lácio destacava-se pelo seu formidável processo de expansão e assimilação de povos adversários, tornando-se gigantesca

e estabelecendo um domínio relativamente benevolente, que beneficiava tanto as cidades da *Confederação Latina*, quando outras cidades italianas; *Roma era movida por um senso de unidade e um espírito patriótico; além disso, também era movida pela convicção de sua nobre origem mítica*: era a cidade descendente de Eneias (filho de Vênus) e fundada por Rômulo (filho de Marte). Por outro lado, Cartago manteve-se como uma cidade sem amor pátrio, governada por comerciantes ambiciosos, que tinham mais apreço à riqueza e aos bens materiais do que aos valores cívicos e ao patriotismo. Já no século III a.C., estava montado o ambiente e cenário geopolítico para o confronto entre estas duas cidades.

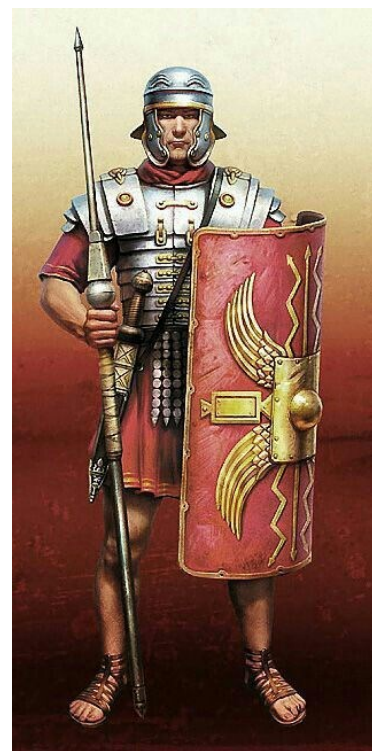
A Itália é romana: as consequências – No século III a. C., Roma, após várias lutas, finalmente, tornara-se a senhora absoluta da Itália: excetuando a região da Gália Cisalpina (Vale do Pô), a cidade domina desde o norte da antiga Etrúria até a Magna Grécia. Já nesta época, Roma havia assimilado muitos aspectos da cultura grega, seja por influência dos etruscos (povo eclético, que havia assimilado muito da arte grega), ou pelo domínio da Magna Grécia.

Roma parecia ter um projeto civilizacional e mostrava a disposição para dominar não somente a Itália, como também tinha interesse nas ilhas do Mediterrâneo (Córsega, Sardenha, Sicília, etc.). Seu poder (até este momento) era essencialmente terrestre, enquanto o de Cartago era marítimo (o Mediterrâneo era um *lago cartaginês*). Portanto, a rivalidade que surgiria entre os romanos e os cartagineses parecia algo inevitável, talvez fatal.



O exército romano – O exército romano era constituído por **legiões** (do latim, *legio*); cada legião romana era formada por cerca de 5 mil ou 6 mil homens; cada legião também era formada por agrupamentos de 100 homens (**legionários**), liderados por um **centurião** (líder da **centúria**). Cada legionário romano usava um capacete, uma lança (*pilum*, semelhante a um dardo), uma vestimenta de couro abaixo de uma couraça de metal (para o tronco/tórax), o gládio (*gladius*, espada) e um longo escudo avermelhado. Nas legiões romanas também havia homens de cavalaria.

A hierarquia do exército romano estruturava-se da seguinte forma: **legionário** (soldado comum), o **decano** (chefe de dez legionários, ou decúria), o **centurião** (líder de cem homens), o **tribuno** (comandante de 5 centuriões), o **legado** (comandante dos tribunos). O legado era alguém se reportava diretamente aos senadores ou chefes de Roma.



Legionário romano

III

O GRANDE CONFRONTO: AS GUERRAS PÚNICAS

As origens das Guerras Púnicas – Os romanos desejavam incorporar a belíssima ilha da Sicília aos seus domínios e Cartago parecia uma inimiga cada vez mais poderosa. Quando Roma conquistou a Magna Grécia, o oeste da Sicília pertencia a Cartago, mas a porção leste estava sob influência grega (Magna Grécia). De seu lado, Roma temia que Cartago completasse a ocupação e o completo domínio da Sicília (o que seria uma ameaça potencial). Os romanos não tardaram em considerar-se no direito de invadir o lado oriental (grego) da ilha: voltaram-se para o **estreito de Messina** que separa a Sicília da península itálica. Quando os romanos cruzaram esta estreita e pequena



fronteira, os cartagineses consideraram isto um gesto de guerra. Em 264 a.C., teve início o primeiro combate entre Roma e Cartago.

A Primeira Guerra Púnica (264 - 241)

– Cartago desejava garantir o domínio estratégico da Sicília, tanto pelas capacidades produtivas da ilha, quanto por sua posição estratégica no mar Mediterrâneo. Quais seriam as vantagens de Cartago no início desta guerra? A antiga cidade fenícia possuía em seu favor os seguintes elementos: **a) uma impressionante riqueza como meio de financiar a guerra; b) seus exércitos mercenários; c) uma frota naval poderosa e bem-organizada.** E quais seriam as vantagens de Roma? Ela possuía: **a) um exército impressionantemente disciplinado e com experiência militar; b) a experiência política e diplomática dos senadores e políticos romanos; c) a experiência bem-sucedida do regime republicano e o senso de patriotismo que motivava a população romana.**



sucedida do regime republicano e o senso de patriotismo que motivava a população romana.

A Primeira Guerra Púnica prolongou-se por aproximadamente vinte anos. Os romanos obtiveram vitórias significativas nas primeiras batalhas na região da Sicília. Após uma primeira batalha naval bem-sucedida, os romanos tentaram um ataque ousado: formaram uma frota naval e tentaram um ataque direto a Cartago. Contudo, foram surpreendidos por um exército de mercenários cartagineses e, assim, sofreram uma duríssima derrota na África. Portanto, depois deste episódio, Roma decidiu concentrar suas forças exclusivamente na Sicília.

As tropas e as naus cartaginesas eram lideradas pelo general **Amílcar Barca**: importante e destacado líder militar cartaginês, de temperamento combativo e determinado, era o membro de uma rica família e havia se notabilizado por conquistar territórios muito importantes para Cartago (especialmente áreas da península Ibérica). Foi Amílcar Barca que liderou os cartagineses contra Roma durante as batalhas da Sicília e durante certo tempo permaneceu praticamente vitorioso com relação às investidas romanas na ilha.



Amílcar Barca

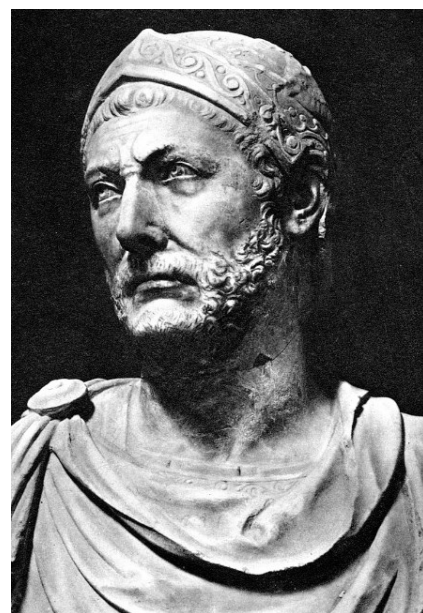
Entretanto, Amílcar viu-se arrastado para uma delicada e complexa situação, que o impedira de triunfar sobre os romanos: a **Insurreição dos Mercenários**. Por volta de 241 a.C., iniciou-se uma rebelião de mercenários em Cartago e o general teve de dirigir-se imediatamente para o centro do império púnico, na África, a fim de impedir a rebelião e pôr fim à ameaça dos mercenários traidores. Com sua retirada da ilha da Sicília, os romanos realizaram uma intensa e bem-organizada investida militar sobre as tropas cartaginesas. A Sicília foi conquistada por Roma e o governo cartaginês, ainda pressionado pela revolta interna de mercenários, cedeu à pressão e reconheceu a vitória romana.

O grande general Amílcar, com seu orgulho ferido pela vitória romana, dada em tais circunstâncias, passou a desprezar os romanos e ensinou a seu filho, Aníbal Barca, a odiar os romanos. Há muitas histórias anedóticas a este respeito; alguns dizem que, pouco tempo antes de morrer, Amílcar fez Aníbal jurar que execraria Roma e que algum dia a destruiria de uma vez por todas. Seja como for, Aníbal, o filho de Amílcar, tentaria a desforra.

O resultado da Primeira Guerra Púnica: a) Roma dilatou mais uma vez seus domínios. No século III a.C., a Sicília tornava-se parte dos domínios de Roma; b) outro aspecto significativo: os romanos ganharam maior experiência naval, uma vez que se voltaram para as ilhas do mar Tirreno.

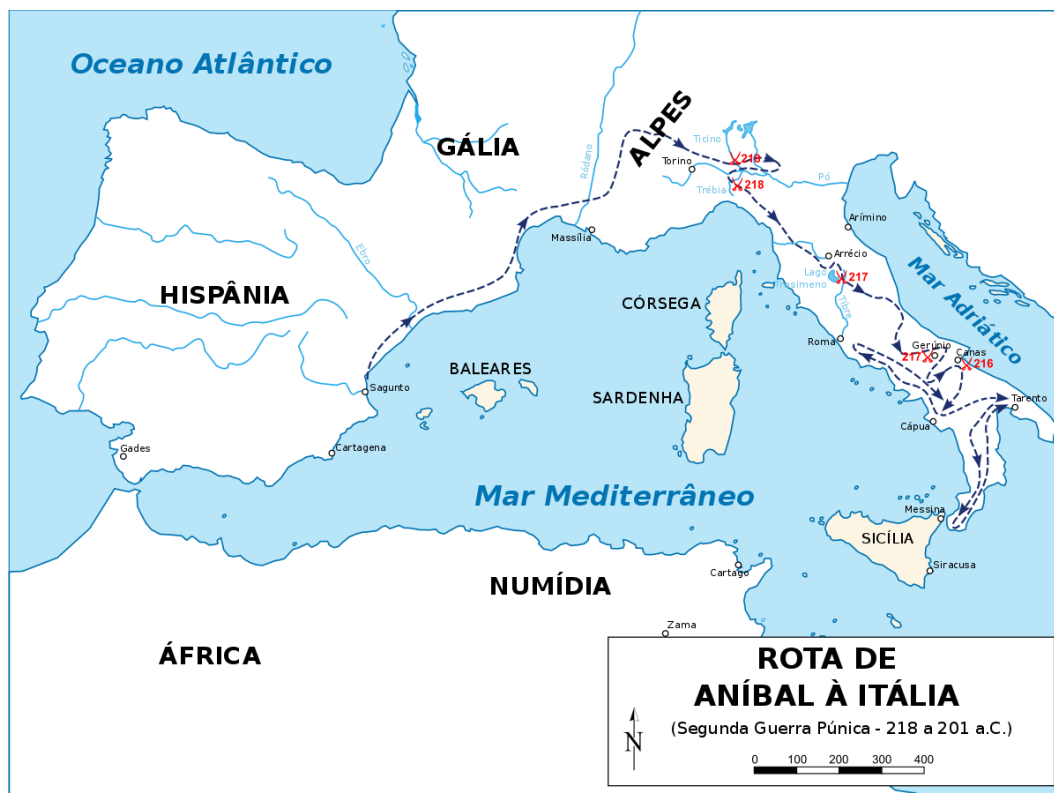
A Segunda Guerra Púnica: a guerra de Aníbal Barca contra os romanos (219 - 201) – Amílcar Barca, após salvar Cartago da Revolta dos Mercenários, dirigiu-se para a península Ibérica e conquistou mais territórios para a cidade fenícia.

A península Ibérica era um importante território: geograficamente estratégico, rico em cereais, prata e ferro. Foi neste território ibérico (*Spania*, *Hispania* ou *Ibéria*) que Amílcar, pensando em vingança, organizou um grande exército. Amílcar reorganizou as tropas cartaginesas e, depois de sua morte, foi substituído por seus filhos: **Aníbal** e **Asdrúbal Barca**. O domínio cartaginês expandiu-se na Ibéria até a região do rio Ebro, encontrando, contudo, a oposição



Aníbal Barca: destacou-se como um dos maiores gênios militares do mundo antigo. Até mesmo os romanos reconheceram certa admiração por este opositor que quase pôs fim a sua cidade.

da cidade de Sagunto (aliada dos romanos). Em 219 a.C., Aníbal Barca (líder brilhante, gênio político e militar) ousadamente tomou a iniciativa de invadir Sagunto, o que provocou a reação dos romanos. Aníbal, por ódio aos romanos buscava vingança e iniciaria uma luta implacável contra Roma. Assim teve início a **Segunda Guerra Púnica**.



O historiador Tito Lívio salientava que Aníbal era frio e duro ante o perigo; além disso, era cuidadoso e empenhado na organização e no comando das tropas militares. Era um homem forjado no desejo de vingança, cujo maior empreendimento foi a tentativa de dissolver o poder político e militar romano. Por isso, a tomada de Sagunto não foi um ato impensado, irrefletido ou apaixonado: Aníbal era racional e metódico em seu projeto de vingança. O Barca havia concebido um impressionante plano de combate contra os romanos: tinha a pretensão de atacar Roma por terra (não por mar!), ou seja, a partir da própria Itália. Para isso, seria preciso levar suas tropas até o sudeste da França, passando pela Gália Cisalpina e atravessando a região montanhosa da Itália. Eis o plano do líder cartaginês.

Aníbal tinha apenas 26 anos de idade quando partiu da península Ibérica com aproximadamente 60 mil homens! (Alguns afirmaram que na verdade foram 100 mil): atravessou os Pirineus com suas tropas militares, passou pelo rio Ródano e atingiu os Alpes (norte da Itália). Apesar do frio e da neve da região dos Alpes, as tropas de Aníbal conseguiram chegar à planície do Pó; o cartaginês havia perdido metade de seu exército, por causa das dificuldades e intempéries ao longo caminho e ainda assim, entretanto, foi capaz de derrotar por três vezes os exércitos romanos.





Foi uma surpresa bastante desagradável para os romanos quando Aníbal decidiu fazer uso dos elefantes como instrumento de suas tropas militares. Por causa do tamanho e de seu raro uso na guerra, os elefantes causavam uma impressão de superioridade militar, assim como também geravam certo pânico nos homens desacostumados com tamanhos animais. Aníbal, como referimos, obteve três grandes vitórias na Itália: em **Tessino**, em **Trébia** e depois, com a ajuda dos gauleses, infligiu uma dura derrota aos romanos em **Trasímeno**.

“Hannibal ad Portas” [Aníbal está às portas] – Em Roma o terror entre os antigos patrícios e plebeus era imenso; Aníbal aproximava-se mais e mais da capital romana, mas não invadiu a cidade. Os romanos organizaram um novo exército de 80 mil homens, que, contudo, foi derrotado pelas tropas de Aníbal em Canas (**Batalha de Canas**). Dizem que, em Roma, gritava-se *“Aníbal está às portas”*, *“Aníbal está às portas”*. Os remanescentes das tropas romanas retornaram para a cidade que novamente (e curiosamente) *não foi atacada* por Aníbal; ao contrário, Aníbal, depois dessa vitória esmagadora conquistou a cidade de Cápua e lá teria ouvido o seguinte: *“Os deuses não deram tudo ao mesmo homem. Tu sabes vencer, ó Aníbal, mas não sabes aproveitar tua vitória.”*



Cipião, o Africano

Durante o processo de invasão da Itália, Aníbal foi desestabilizado pelos romanos: em certo momento, o grande general esperava o apoio de seu irmão, Asdrúbal. Contudo, os romanos descobriram a localização deste general e o decapitaram, mandando sua cabeça para Aníbal. A guerra assim prosseguiu, e Aníbal parecia ora avançar, ora recuar.

Em meio aos encarniçados combates, porém, o cartaginês cometeu um erro estratégico: o general cartaginês acabou dando tempo para que os romanos se reorganizassem e tentassem um último lance.

Roma, em um ataque aparentemente desesperado, enviou à África uma poderosa frota naval com os seus melhores militares para atacar a cidade de Cartago. Aníbal era um dos poucos cartagineses verdadeiramente patriota; e este movimento inesperado dos romanos o obrigou a tentar salvar a cidade de seu pai Amílcar; uma última batalha travou-se em **Zama** entre os romanos e os homens de Aníbal, que foram vencidos pelo general romano **Públio Cornélio Cipião (Cipião, o Africano)**. Aníbal ficou vivo e conseguiu retornar para sua cidade para alertar os cartagineses que Roma havia vencido e tudo estava perdido.

Consequências da derrota de Aníbal – Cartago teve que pagar uma pesada indenização e tributo aos romanos, suas frotas navais foram praticamente destruídas e a península Ibérica foi incorporada ao domínio romano. E Aníbal, o grande general que quase destruiu Roma? Ele não foi capturado pelos romanos. Aníbal ainda viveria mais alguns anos, envolvendo-se em conspirações contra Roma, mas sem jamais conseguir repetir seu grande feito. Seu fim foi amargo e triste: ao tentar uma aliança com os gregos selêucidas, acabou traído e, para evitar tornar-se prisioneiro de Roma, Aníbal cometeu suicídio.

IV DELEND EST CARTHAGO

A vitória definitiva de Roma: a Terceira Guerra Púnica (149 – 146) – Décadas depois da derrota dos Barca, Cartago tentou reerguer-se; mas os romanos temiam que a cidade conseguisse se fortalecer novamente e temiam o surgimento de outro grande general que conseguisse penetrar na Itália e atingir o coração do mundo romano. A memória da invasão de Aníbal na Itália estava presente na mente dos líderes romanos.



Delenda est Carthago (“Cartago deve ser destruída”). Eis uma frase muito conhecida, que se atribui ao senador romano Catão, o Velho, do século II a.C. No Senado romano discutia-se a necessidade de destruir e aniquilar definitivamente a velha inimiga e concorrente de Roma.

A Terceira Guerra Púnica, na verdade, foi um grande massacre: os romanos – temerosos em relação à velha cidade africana – estavam resolvidos a destruí-la permanentemente e, assim, sem uma causa imediata, iniciaram nova guerra. Durante três anos, os cartagineses lutaram desesperadamente, mas a cidade não resistiu e acabou sucumbindo aos romanos – derrotados por Cipião Emiliano. Cartago foi completamente arrasada: não restavam mais do que 50 mil habitantes em sua cidade e o território da outrora rica república se transformou em uma província romana na África. O norte da África foi incorporado ao império da República romana. Nesse mesmo ano, de 146 a. C., partes da Grécia também foram anexadas pelos romanos.

O mar Mediterrâneo deixava de ser o “Lago Cartaginês” e se convertia em um “Lago Romano” (*Mare Nostrum*). A capacidade sem precedentes de agigantamento dos romanos mostrava-se eficiente e bem-sucedida. A expansão militar de Roma parecia não ter limites.

Depois do século II, os romanos voltaram-se para as terras do Oriente: a Grécia, o velho Império dos Selêucidas e o Egito Ptolomaico não resistiram. Gradualmente, caíram: primeiramente a Grécia e no século I a.C., a Ásia Menor, a Síria, a Palestina e o Egito foram incorporados ao mundo romano.

ATIVIDADES

1. Explique as origens de Cartago.
2. Como era formado e constituído o governo de Cartago? Explique.
3. Qual era a base do poder cartaginês no mar Mediterrâneo?
4. Descreva quais eram as crenças dos cartagineses?
5. Quais as origens da rivalidade entre Roma e Cartago? Explique:.
6. Como era organizado e hierarquizado o exército romano?
7. Qual a causa imediata da Primeira Guerra Púnica? E qual foi o resultado dessa Guerra?
8. Descreva e resuma a Segunda Guerra Púnica.
9. O que foi a Terceira Guerra Púnica? E qual foi o desfecho para Cartago?
10. Qual o resultado para Roma com o fim da Terceira Guerra Púnica?



AULA 23

A JUDEIA, O GOVERNO E A FAMÍLIA DE HERODES E O IMPÉRIO ROMANO

I

O CONTEXTO HISTÓRICO DA PALESTINA, O GOVERNO DE HERODES, A ENCARNAÇÃO DE CRISTO E A SAGRADA FAMÍLIA



reve revisão do contexto político ou **Panorama do Mundo Antigo** – Em 63 a.C., a região da Judéia caiu sob domínio dos romanos. Algum tempo depois, Júlio César colocou o idumeu **Antípatro** como administrador da região, assim como confirmou Hircano II como sumo sacerdote de Jerusalém.

Antípatro obteve os seguintes benefícios de César:

o reconhecimento oficial de Hircano II como sumo sacerdote;

a sua própria confirmação como governante da Judéia;

a cidadania romana;

a imunidade de impostos.

Em 47 a.C., Antípatro nomeou seu filho mais velho, **Fasael**, como governador da Judéia, enquanto o outro filho, com cerca de vinte e cinco anos, **Herodes**, foi nomeado governador da Galiléia. A aristocracia judaica (a casta dos sacerdotes e doutores da lei), que não estava nada satisfeita com o governo de Antípatro, esperou o momento certo para derrubar o idumeu. Os membros do **Sinédrio** primeiramente tentaram derrubar Herodes; entretanto a tentativa foi em vão, pois o jovem governante não levava em conta a opinião dos sacerdotes e doutores da lei e ignorando-os, proclamou-se chefe militar da Síria inferior com apoio do exército romano.





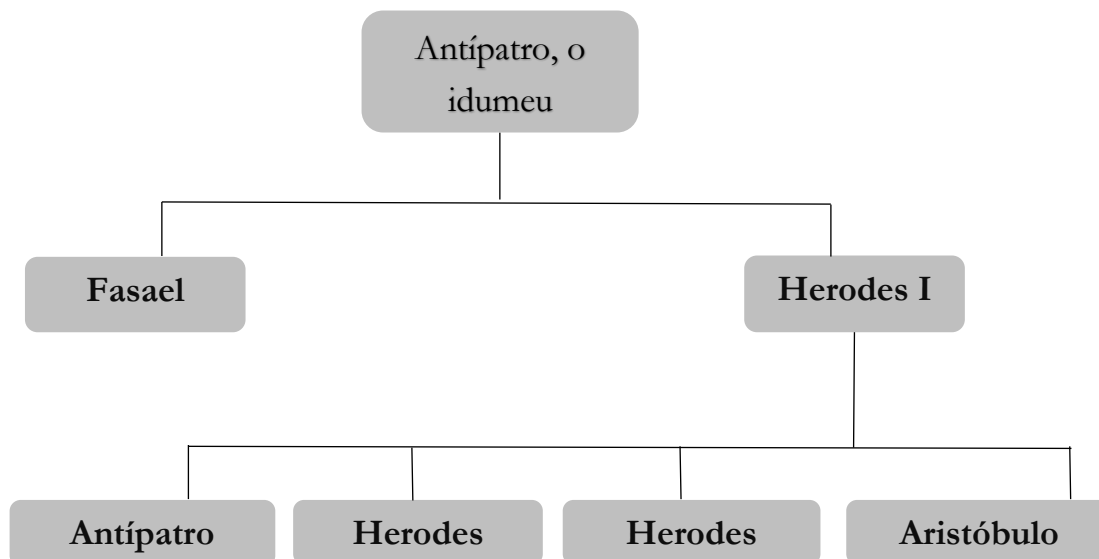
EM ROMA – Com a morte brutal de Júlio César, o general **Marco Antônio**, amigo e aliado de César, empreendeu uma perseguição aos assassinos de César.

Em meio ao caos e desordem política causada pelo homicídio, os militares interviram na política e os generais **Marco Antônio**, **Caio Otávio** e **Lépido** formaram o **SEGUNDO TRIUNVIRATO** (*Triumviri*). O Triunvirato era uma aliança entre os três generais romanos que passaram a ter poderes excepcionais na República. Contudo, esta aliança durou pouquíssimo tempo: havia ódio e ressentimento entre Marco Antônio e Otávio. O Triunvirato chegou ao fim em 33 a.C., e, em 31 a.C., Otávio e Marco Antônio travaram uma dura batalha marítima (Batalha de Accio) na qual o resultado foi a vitória avassaladora de Caio Otávio. Com a derrota e suicídio de Marco Antônio e Cleópatra, Caio Otávio regressou para a cidade de Roma e se tornou, em 27 a.C., o imperador: Caio Otávio Augusto ou César Augusto. Tinha início a fase imperial de Roma.

Novamente na Palestina – Estes fatos do mundo romano formavam o “quadro”, a moldura ou o cenário no qual a Judéia estava inserida e era direta ou indiretamente afetada. É preciso recordar que antes de César morrer, Antípatro fora colocado no poder – como administrador geral – da Judéia.

Depois do assassinato de César, em 44 a.C., Antípatro acabou morrendo e, sem perda de tempo, seus filhos aproximaram-se dos novos senhores do mundo romano: Marco Antônio e Otávio. **Em 40 a.C.**, aos trinta e dois anos, o rei **Herodes dirigiu-se para Roma**, onde foi recebido com confiança e gentileza como o filho do chefe militar que havia auxiliado o próprio César no Egito. Otávio e Marco Antônio garantiram apoio ao filho de Antípatro: por meio de um decreto do Senado, em 39 a.C., Herodes foi nomeado rei da Judéia. Observe a seguir a dinastia de Herodes:





Herodes voltou à Palestina e marchou em direção a Jerusalém. Em 39 a.C., Marco Antônio seguiu em pessoa para a Ásia Menor a fim de assumir o supremo comando dos negócios militares do oriente. E assim o general Marco Antônio nomeou Caio Sósio, um militar romano, como responsável em providenciar que Herodes fosse posto imediatamente no trono da Judéia. As tropas de Caio Sósio marcharam através da Fenícia e caíram sobre Jerusalém: contudo, a defesa da cidade foi tão heroica e notável que ela somente caiu depois de



O mapa acima representa as “doações de Alexandria”: o conjunto de territórios doados por Marco Antônio aos seus filhos com Cleópatra. As notícias de que Marco Antônio estava doando territórios romanos à rainha do Egito, escandalizou a alta cúpula romana dos senadores e arruinou a relação política entre Antônio e

cinco meses, e isso ocorreu porque os defensores se recusaram a lutar no **Dia da Expição (Yom Kippur)**. Era o ano de 37 a.C., a Cidade Santa novamente caiu sob domínio romano, o sumo sacerdote judeu foi decapitado e uma parcela dos habitantes foi cruelmente massacrada. Essa situação seria um prelúdio do reinado de Herodes (que se casou posteriormente com a princesa Mariana).

Herodes era possuído de uma natureza egoísta, desconfiada e ciumenta, e muitas de suas ações indicam que era um insano. Arbitrariamente, tomava decisões estranhas: colocou o próprio cunhado de dezessete anos, ou seja, o irmão de Mariana, como sumo sacerdote e depois mandou assassiná-lo. A sogra de Herodes, inconformada com tamanha injustiça, mandou uma mensagem a Cleópatra do Egito, para pedir que a rainha persuadisse Marco Antônio a derrubar Herodes do poder.

Marco Antônio, apesar dos apelos de sua esposa, tinha grande necessidade de manter Herodes no trono: tratava-se de manter um aliado estratégico na região da Judéia. E assim Herodes permaneceu no trono.

Em 31 a.C., quando a contenda entre Antônio e Otávio chegou ao auge na Batalha de Áccio, Herodes havia decidido tomar o partido de Antônio. Entretanto a rainha Cleópatra – que desprezava Herodes – novamente interveio e não permitiu que Antônio aceitasse a ajuda do idumeu. E, assim, o vil da Judéia não tomou parte no conflito. Após a derrota de Antônio, Caio Otávio tornou-se o senhor absoluto do crescente Império Romano.

Ambicioso, matreiro e dissimulado, Herodes correu imediatamente para a Ilha de Rodas, no intuito de encontrar-se com o novo senhor do mundo romano. Uma vez confirmado, novamente, como rei da Judéia pelos romanos, Herodes voltou à sua terra a fim de fazer os preparativos para a recepção do seu novo senhor, que pretendia marchar sobre o Egito. A recepção de Herodes aos militares romanos ocorreu em Ptolemaida (entre a Síria e a Fenícia): os romanos receberam alimentos, vinho, água e outras provisões para sua campanha militar no Egito. Em 30 a.C., depois que Otávio concluiu a conquista do Vale do Nilo, Herodes apressou-se a ir ao Egito para louvar Otávio, que envaidecido deu ao rei Herodes a guarda pessoal de Cleópatra (composta de oitocentos gálatas).

Quando voltou à Judeia, Herodes, o Grande, decidiu condenar sua esposa Mariana à morte; além desse crime, também condenou à morte alguns dos próprios filhos.

O historiador **Eusébio de Cesareia** apontou em seu livro *História Eclesiástica*:

“Herodes foi o primeiro estrangeiro que, sob autoridade do Senado romano e do imperador Augusto, tomou em mãos a nação judaica. Nessa época, evidentemente, se realizou o advento de Cristo, seguido da esperada vocação dos gentios, segundo a profecia. Pois, desde esta ocasião, começaram a faltar o chefe e os príncipes saídos de Judá, isto é, oriundos do povo judaico, e simultaneamente sofreu alterações o sumo sacerdócio (...). Fidedigna garantia de tudo isso é (Flávio) Josefo (historiador judeu). Ele conta que Herodes, após ter recebido dos romanos a realeza, não instituiu sumos sacerdotes da antiga raça, mas confiou esta honra a homens obscuros. De modo semelhante a Herodes, seu filho (Herodes) Arquelau portou-se a respeito da instituição dos sacerdotes; e depois dele, o mesmo fizeram os romanos que tiveram o domínio sobre os judeus.”

“(Flavio) Josefo narra ainda ter sido Herodes o primeiro a guardar sob chaves, como seu próprio selo, a veste sagrada do sumo pontífice e não permitir mais aos sumos sacerdotes tê-la à sua disposição.”

Herodes teve vários filhos: **Alexandre, Aristóbulo, Antípatro, Herodes Arquelau e Herodes Ântipas**. Os dois primeiros foram mortos a mando do pai; pouco tempo depois o terceiro filho também foi assassinado. Inseguro, temeroso de traições e atormentado pelos próprios crimes, Herodes viveu de forma desconfiada. Foi, então, que, certo dia, o rei recebeu a visita de três magos, vindos do Oriente, que lhe perguntaram onde estava o recém-nascido, rei dos judeus. Os magos haviam visto uma estrela que lhes ocasionara tão longa viagem e tinham pressa em adorar o pequeno rei, como um Deus.

A perseguição aos pequenos inocentes e a morte de Herodes, o Grande – Herodes ficou profundamente abalado e perturbado com a visita dos magos do Oriente, pois em sua opinião, uma questão como essa, abalaria seu poder e domínio sobre a Judéia. Dirigiu-se, assim aos doutores da Lei e questionou onde se daria o nascimento do Cristo, e obteve como resposta a cidade de Belém. Herodes proclamou assim, um edito, segundo o qual as criancinhas de peito em Belém e cercanias deveriam ser mortas. Felizmente, São José, avisado por um Anjo do Senhor, antecipou-se e o Menino Jesus escapou do plano de Herodes. ***A Santíssima Virgem Maria, São José e Nosso Senhor Jesus foram para o Egito, conforme está narrado no Evangelho.***



O Massacre de crianças inocentes a mando de Herodes

Logo depois desse crime horrendo contra os pequenos inocentes e contra o Salvador, um castigo foi enviado por Deus ao rei Herodes: sentia uma fome insaciável e não era possível socorrê-lo devido a uma úlcera intestinal e sobretudo violentas dores. Os pés incharam, supuraram e sentia-se um cheiro insuportável exalar de sua respiração. Eusébio de Cesareia menciona o historiador Josefo:

“Em seguida a doença propagou-se pelo corpo inteiro e multiplicaram-se os sofrimentos. Tinha, de fato, uma febre lenta, uma irritação insuportável em toda a superfície do corpo, dores intestinais contínuas; inchação no ventre, putrefação dos órgãos, onde nasciam vermes; além disso, respiração asmática e penosa... Mas, lutando contra os padecimentos, apegava-se à vida, esperava cura e procurava remédios. (...) enfim, reconhecendo ser impossível a cura, mandou distribuir a cada um dos soldados cinquenta dracmas (...) e, então, retornou a Jericó, de aspecto sombrio, pronto a enfrentar a morte, mas planejando uma ação abominável! Mandou reunir os homens mais importantes de cada aldeia da Judéia, e prendeu-os em um lugar chamado hipódromo. E [Herodes] chamou sua irmã Salomé e o esposo desta e lhes disse: ‘sei que os judeus festejarão minha morte; mas posso ser pranteado e ter exéquias brilhantes, se quiserdes obedecer às minhas ordens. A esses homens aprisionados, logo que eu morrer, cercai-os de soldados e executai-os depressa. Assim toda a Judéia e toda a casa, embora a contragosto, chorará por minha causa’”.



São José, a Santíssima Virgem Maria e o Menino Jesus em direção ao Egito

Herodes morreu em aproximadamente 4 d.C. E, depois de sua morte, um Anjo apareceu a São José, que estava no Egito, e mandou-lhe que retornasse à Judéia, com o menino e sua

mãe. Mas o evangelista acrescentou: “*Mas ouvindo que Arquelau era rei da Judéia em lugar de seu pai Herodes, teve medo de ir para lá. Tendo recebido um aviso em sonho, partiu para o distrito da Galileia.*” (Mt 2, 22). Nesta época, ainda reinava em Roma, o imperador Caio Otávio Augusto (27 a.C. – 14 d.C.).

II

DO RETORNO DA SAGRADA FAMÍLIA À CRUCIFICAÇÃO

Assim, conforme São Mateus, o Anjo do Senhor apareceu mais uma vez a José em sonho, e disse-lhe que tomasse o Menino e Sua mãe e voltasse à terra de Israel, pois já estavam mortos os que procuravam tirar-Lhe a vida.

Que caminho seguiram São José, Santa Maria e o Menino para chegar em Nazaré? Não é possível afirmar com toda certeza; supondo que atravessaram Belém em sua volta do Egito, a Sagrada Família certamente evitou a trilha das montanhas, que passava perto de Samaria. É possível que a Sagrada Família tenha seguido a estrada de **Jope**, a oeste, até **Lida**, o ponto em que esta estrada era cortada pela antiga rota de caravanas que vinha do Oriente, e seguia para o Egito. De Lida, talvez, a Sagrada Família tenha seguido para o norte, passando pela **Planície de Sarom** e depois pela **Planície de Esdrelom**. Pouco abaixo de **Naim**, São José, a Santíssima Virgem Maria e o Menino Jesus provavelmente deixaram a rota das caravanas e seguiram um caminho local, a noroeste, em direção das colinas de Nazaré. Esta cidade ficava numa área em que rotas comerciais cruzavam-se. Sepfóris era a capital desta região (Galileia); e, apesar da comunidade judaica, a cultura local era extremamente cercada pela presença do helenismo.



A Sagrada Família Retorna do Egito.

Já nesta época, havia facções no meio judaico (como os zelotes), que se opunham ao domínio romano. É bem possível que tenha sido quando Nosso Senhor Jesus Cristo já contava com cerca de dez anos, que os romanos tenham destruído **Sepfóris** e crucificado dois mil de seus habitantes. As cruzes flanqueavam a estrada dos dois lados por quilômetros. Os romanos cometeram tal brutalidade para castigar os judeus que se rebelavam contra o domínio do Império.

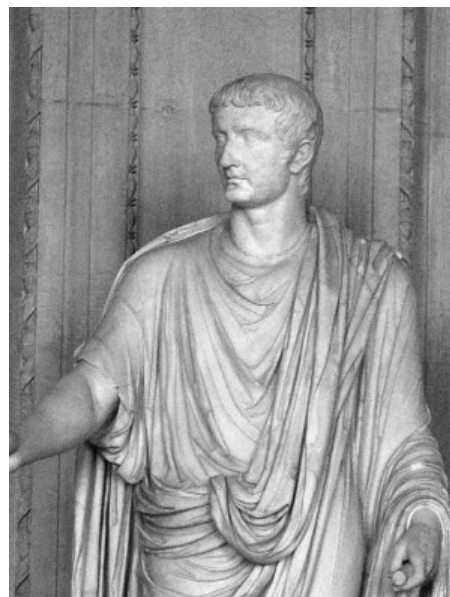
Quais eram as línguas faladas nesta região? Em Nazaré, como em outras partes da Terra Santa, usavam-se muitas línguas, de modo que uma pessoa tinha que ser uma espécie de **poliglota**. Desde a época do Império Neobabilônico, o *aramen* difundia-se e se tornava a língua dos comerciantes e membros das caravanas; os judeus falavam principalmente o *aramaico*, enquanto o *hebraico* tornava-se a língua usada pela religião. Contudo, desde a época de Alexandre, o Grande, e da cultura helenística, o grego passou a ser utilizado nas ruas e mercados e o grego comum falado pelos homens do Oriente Médio foi chamado de **Grego Koiné** (“comum”). Por fim, os romanos levaram o *latim* para a região.



Caio Otávio Augusto

Com a Encarnação do Verbo na Plenitude dos Tempos, a Igreja passaria a ter uma manifestação visível no processo histórico: a **Igreja**, *Corpo Místico de Cristo*, é a humanidade configurada e identificada ao Cristo. Essa sociedade espiritual é uma instituição universal que passaria a chamar todos os homens, de todas as nações para uma nova forma de vida fundamentada em Cristo (o Ungido).

Esta época é a mais considerável entre todas as outras da História, não somente pela importância de tamanho evento (a Encarnação do Verbo, o Logos), mas também porque os cristãos começaram a contar os seus anos a partir do nascimento de Nosso Senhor. Este evento ainda tem um aspecto notável, pois coincidiu com o apogeu do mundo romano: a Pax Romana de Augusto. Todas as artes floresceram neste tempo; a poesia latina foi elevada à sua máxima beleza e perfeição em Virgílio e Horácio, incentivados por Augusto.



Imperador Tibério

Augusto terminou seu império de forma honrada e Tibério, que havia sido adotado por Augusto, sucedeu-lhe no trono imperial. O Império foi reconhecido como hereditário na casa dos Césares. Foi sob o governo de Tibério que São João Batista apareceu e que Jesus Cristo se fez batizar nas águas do rio Jordão.

Após a morte de Herodes, o Grande, o trono da Judeia passou para as mãos de seu filho Herodes Arquelau, que reinou por um curto período. Com a morte deste, a Judéia passou a ser administrada por Copônio (o primeiro *praefectus* da nova província romana).

Pôncio Pilatos – Por volta de 26 d.C. (?), Pôncio Pilatos passou a governar a Judéia, como governador provincial, aí permanecendo durante dez anos completos.

Foi na época em que Pilatos chegou à Judeia que São João Batista passou a pregar no deserto, às margens do rio Jordão. Foi neste rio que João Batista batizou Nosso Senhor Jesus.

Depois do batismo, Jesus percorreu toda a extensão do Jordão para o sul e entrou no árido **Deserto da Judéia** imediatamente a oeste do Mar Salgado. Foi aí que passou quarenta dias e experimentou a Sua Tentação. Deixando o **Deserto da Judéia**, Jesus iniciou a primeira parte do Seu ministério. Voltou para a **Betabara**, onde admitiu os primeiros discípulos, quatro homens que tinham ido até lá para ouvir João Batista: trata-se de **Filipe, Bartolomeu** e dois pescadores – **André e Simão** (Pedro).

Depois que ensinou os homens a orarem ao Pai e de realizar tantos milagres e coisas impressionantes, ainda assim, os fariseus (e os saduceus) observavam com maus olhos os ensinamentos de Jesus. Os fariseus temiam que Ele afastasse o povo do velho judaísmo e, assim, preocupavam-se, cada vez mais, com as grandes multidões que O seguiam.



Nosso Senhor Jesus Cristo no deserto.

Os fariseus começaram a declarar aberta oposição a Jesus e as tensões intensificavam-se. Jesus, firme em sua fé e consciente de seu propósito, não deu atenção às advertências que seus amigos, discípulos e apóstolos faziam acerca dos fariseus e saduceus. Chegou à Betânia seis dias antes da última Páscoa que celebraria neste mundo. Jesus assistiu uma festa na casa de Lazáro, durante a qual teve os pés ungidos. Durante seis dias Jesus permaneceu em Betânia, fazendo breves viagens entre Jerusalém e essa

cidadezinha situada no Monte das Oliveiras.

Ao retornar para Jerusalém, em uma quinta-feira à noite, depois da Última Ceia, encontrava-se Jesus no olival de Getsêmani (Jardim das Oliveiras), onde foi orar. Entretanto, traído por Judas Iscariotes, Jesus foi preso pela guarda do Templo e levado diante do Sinédrio. Os membros do Sinédrio pressionaram o procurador romano Pilatos e Nosso Senhor Jesus foi crucificado no **Calvário** (“**Lugar da Caveira**”).



ATIVIDADES

1. Faça um resumo da situação política da Palestina na época do governo de Herodes.
2. Como Herodes foi capaz de se manter no poder por tanto tempo?
3. Qual teria sido o caminho percorrido pela Sagrada Família em direção a Nazaré?
4. Qual a situação cultural da Palestina e no entorno de Nazaré na época de Nosso Senhor?



AULA 28

AS ORIGENS E A FORMAÇÃO CRISTÃ DA PENÍNSULA IBÉRICA

“A História do Brasil começa com a de Portugal e esta com a de toda a Península Ibérica.” – Hélio Viana.



nação portuguesa nasceu na Península Ibérica ou, mais especificamente, no território outrora chamado pelos romanos de *Lusitânia*. Pela região da Lusitânia passaram os antigos celtas (Gauleses), os fenícios, os gregos, os cartagineses e, depois de Cartago, os romanos trouxeram seu modo de vida – suas instituições como a família, a religião e as formas de administração –, sua civilização para a *Hispania* e a *Lusitânia*. Antes da dominação romana, os povos que viviam na região eram formados por uma miscigenação de tribos celtas e antigas tribos ibéricas (celtíberos). Contudo, com a derrota de Cartago (na Segunda Guerra Púnica), a região da Ibéria caiu sob domínio de Roma e, para ser mais exato, os romanos estenderam seus domínios sobre a Hispania e somente depois para a Lusitânia. Esta era na época chefiada pelo líder e guerreiro Viriato.



O nome “**Lusitânia**” deriva do latim e se refere ao território mais a oeste da Península Ibérica. A Lusitânia segundo os antigos mitos romanos foi fundada pelo filho ou amigo do deus Baco: *Lásias* ou *Lusus*. Por isso o nome de Lusitânia – a terra de *Lusus*, ou tribos de *Lusus*.

A presença romana na Península Ibérica se estendeu do século III a.C. até o século V d. C. Assim, a presença romana será um fator que marcará profundamente a sociedade, as instituições e a organização administrativa da Península Ibérica, mesmo após a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C. Assim, a romanização significa que os romanos, ao se estabelecerem na região, levaram para a península o seu modo de vida, sua cultura, sua forma de administrar, seus hábitos, costumes, valores, sua religião e sua língua, no caso o latim vulgar, ou ***sermo vulgaris***. Esse processo de romanização marcou profundamente a Península Ibérica, pois a presença romana que se impôs, mesmo com as resistências de alguns grupos ibéricos, conseguiu integrar e absorver os povos dessa região à sua civilização superior. Ainda hoje, nós podemos contemplar em determinadas áreas de Portugal e Espanha os vestígios da presença da cultura e da civilização romana.



Logo acima, no lado esquerdo: restos de um antigo edifício romano (em Évora). No lado direito, um pavimento elaborado em mosaico em Conimbriga.

Além do processo de romanização, outra forte influência sobre a Península Ibérica foi a sua conversão ao Catolicismo (sua *incorporação* ao Cristianismo). Como vimos, com o imperador Teodósio, o Cristianismo é proclamado religião oficial do Império Romano. E, assim, a Península Ibérica fora convertida ao Cristianismo e seus povos incorporados à Igreja. Contudo, nessa época, por volta do século IV, o Império Romano do Ocidente sofria crises e convulsões por causa da Invasão dos Povos Bárbaros, vindos do norte da Europa.

Entre os anos de 409 e 411 os suevos chegaram na Península Ibérica e se estabeleceram na região da Galiza. Nesta região criaram seu reino bárbaro que durou de 411 até 585. Os suevos – que em parte haviam sido cristianizados – acabaram aderindo a uma heresia que surgiu na época: o arianismo. O arianismo era uma heresia que negava a natureza divina de Cristo, rompendo assim com o ensinamento da Igreja e se constituindo numa forte ameaça, pois muitos bárbaros aderiram ao arianismo. Neste



São Martinho de Dume

contexto, os Padres da Igreja e os Santos empenharam-se em reconverter esses povos e reintegrá-los no interior da Igreja, expondo-lhes as verdades de fé da ortodoxia. Assim procedeu, por exemplo, **São Martinho de Dume** – conhecido como “o apóstolo dos suevos” – que se empenhou na evangelização dos Suevos e de seu rei, Teodomiro, que voltou ao Cristianismo Católico.

Algum tempo depois, os suevos entraram em guerra contra outro povo bárbaro, seguidor do arianismo: os visigodos. Os visigodos acabaram derrotando e destruindo o Reino dos suevos em 585 e a partir desta data, os nobres visigodos se tornaram senhores da Península



Ibérica. E, novamente, a Igreja, pacientemente, dedicou-se à educação desse povo bárbaro, cristianizando-o e ensinando-o sobre a Verdade Revelada – a Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo. Com São Hermenegildo e São Leandro, os visigodos se converteram à fé cristã.



A invasão islâmica na península Ibérica em 711

Os nobres visigodos (cavaleiros, guerreiros) jamais foram organizados e bem disciplinados: havia um frágil senso de autoridade e lealdade entre eles. No início do século VIII, houve uma série de brigas, discórdias e desavenças entre os nobres, dentro do Reino Visigodo na Península Ibérica. Por volta dessa época, os muçulmanos, seguidores da seita de Maomé, expandiam-se pelo norte da África e outras regiões do Oriente. Quando chegaram na região mais

ocidental do norte da África, no atual Marrocos, atravessaram o Estreito de Gibraltar (colunas de Hércules), e seu líder e general **Gibra Al-tarik** aproveitou-se da fragilidade dos nobres visigodos, derrotando seu líder (rei Rodrigo) na **Batalha de Guadalete, em julho de 711**. Ao que tudo indica, o rei visigodo Rodrigo pereceu nesta batalha. A partir dessa vitória sobre os visigodos, os exércitos islâmicos passaram a conquistar toda a região da Península Ibérica – tomando para si os territórios cristãos e estabelecendo o governo do Islã.

Havia, porém, um nobre visigodo que sobreviveu à **Batalha de Guadalete**: **Dom Pelágio**. Após a derrota dos Visigodos, Pelágio refugia-se em Toledo, que logo também é tomada pelo invasor islâmico. Assim, Pelágio rumou para o norte da Península Ibérica, na região montanhosa das Astúrias, uma área de elevações (na região dos montes Cantábricos na Espanha).

Na região das Astúrias, Pelágio se deparou com a imagem de Nossa Senhora, em uma gruta guardada por um monge cristão. Lá, nesta área, Pelágio coloca-se sob a Misericórdia de Deus e a intercessão da Santíssima Virgem, organizando o exército cristão contra os islâmicos que se dirigiam para o norte, na região montanhosa onde estava a gruta, no Monte Auseva e próximo da região de Cangas de Onís.

No norte da Espanha, surgia o último baluarte cristão na Península Ibérica. Alguns tentaram persuadir Pelágio de desistir da resistência e tentar um acordo com o inimigo. O líder visigodo negou tal possibilidade e manteve a organização de seus homens.

O exército islâmico, que havia tomado quase toda a Península Ibérica, se dirigiu para o norte da Espanha, para a região de Cangas de Onís. Lá, Dom Pelágio pediu a intercessão da Santíssima Virgem Maria. Durante a batalha, um terremoto ocorreu e as pedras de uma grande montanha rolaram sobre os maometanos, matando uma boa parcela dos invasores e dispersando os remanescentes. Os homens de Pelágio aproveitaram-se e atacaram os islâmicos que recuaram. Esta foi a famosa e crucial **Batalha de Covadonga**: a batalha marcou o início da **Guerra de Reconquista** contra os *mouros*.

Esta vitória foi tão importante e grandiosa, que Dom Pelágio, por sua fé e persistência, foi aclamado pelo povo como rei das Astúrias e recebeu a coroa real das mãos do bispo de Oviedo.



Dom Pelágio





Dom Pelágio, rei das Astúrias.

Pelágio era casado com Gaudiosa, que lhe deu dois filhos: Fávila e Ermisinda. A princesa Ermisinda casou-se com o nobre duque da Cantábria, Afonso I, que se tornou rei do Reino das Astúrias após a morte de seu cunhado, Fávila. Afonso I e Ermesinda foram responsáveis pela criação do Santuário de Nossa Senhora de Covadonga, dedicado ao culto de veneração de Nossa Senhora que esteve ao lado dos cristãos desde o início da Reconquista.

Gradualmente, após a morte de D. Pelágio, o Reino das Astúrias expandiu-se em direção ao sul. Por isso, passados algumas décadas, o Reino das Astúrias foi subdividido em outros reinos: Reino de Leão, Reino de Castela, Reino de Navarra, Condado de Barcelona, Navarra, etc.

ATIVIDADES

1. Faça um resumo da aula.



AULA 29

O IMPÉRIO CAROLÍNGIO

I

O REINO FRANCO DOS MEROVÍNGIOS



O reino dos francos foi formado a partir do líder bárbaro Clóvis, o Merovíngio. Clóvis era um bárbaro germânico da tribo dos francos e tomou como esposa Clotilde da Borgonha (Santa Clotilde), que, em grande parte, foi responsável por sua conversão ao catolicismo. Antes de sua conversão, porém, o rei dos francos persistia em resistir ao cristianismo e permanecia teimosamente como pagão.



Clóvis e Santa Clotilde haviam perdido o primeiro filho e o segundo nascera bastante doente. Isto causava resistência no rei dos francos; entretanto, Clotilde orou persistentemente e o segundo filho do casal recuperou a saúde. Além disso, o bispo de Reims, São Remígio, aproximou-se aos poucos de Clóvis, se tornando mais familiar e próximo. A teimosia do rei cedia gradualmente.

Durante uma batalha contra os bárbaros alamanos (em 496), Clóvis, em luta, clamou pelo Deus de sua esposa e garantiu que se vencesse, se converteria. O rei franco venceu a luta contra os inimigos e teve de cumprir sua palavra: Clóvis e seus guerreiros francos foram batizados por **São Remígio**, que ficou conhecido como “**apóstolo dos francos**”. Os guerreiros e súditos de Clóvis também receberam o batismo, pois, naquela época, os homens seguiam seus reis. O exemplo de Clóvis levou o povo dos francos à conversão.

Com a conversão de Clóvis, o futuro reino da França se tornava o primeiro fruto da Igreja na Europa bárbara. Por isso, a França foi considerada, no Ocidente, a “Primeira Filha da Igreja”. O Papa Hormisdas afirmou a São Remígio: “*convertestes estes povos [francos], por meio de milagres que se podem comparar aos apóstolos*”. Por isto, o Papa o nomeou legado universal da Gália (França).

A semente da fé cristã havia sido plantada e crescia no Reino Franco. Mas, na área da política real, houve dificuldades: após o reinado de Clóvis e a morte de Santa Clotilde, seus descendentes envolveram-se em disputas e brigas familiares e o Reino Franco acabou sendo dividido entre seus quatro filhos: Clotário I, Quildeberto, Clomiro e Teodorico da Austrásia.

O Reino Franco permaneceu dividido entre os membros da família Merovíngia, até que entre 629 e 639 d.C., o rei **Dagoberto I** (descendente de Clotário) conseguiu reunificar o Reino Franco com a união da Neustria, Austrásia, Aquitânia e Borgúndia. Dagoberto I foi o último rei poderoso e forte da família dos merovíngios. Após a sua morte, em 639, seus sucessores foram fracos, péssimos administradores e delegaram suas responsabilidades para funcionários. Estes reis merovíngios, de índole fraca e tibia, foram chamados posteriormente de “*reis indolentes*” ou “*reis preguiçosos*”.

Os “*reis indolentes*” passaram a nomear um líder palaciano e militar (quase como um primeiro-ministro): o “*prefeito do palácio*” ou “*majordomus*”. Era o prefeito do palácio quem passou a resolver as principais questões políticas, administrativas e militares do reino.



Um dos mais importantes prefeitos do palácio na História da França foi Pepino de Herstal: líder militar de inclinação unificadora e centralizadora. Pepino de Herstal foi responsável por uma nova unificação no reino (novamente uniu Nêustria e Austrásia, que haviam se separado e entrado em conflito). Além disso, ele foi capaz de impor a sucessão hereditária ao cargo de *majordomus*. Portanto, com sua morte, a posição de *majordomus* foi herdada por seu filho **Carlos Martelo** (situado entre o século VII e o VIII).

Nessa época, os maometanos árabes estavam em expansão: ao longo do século VII, o islamismo fez uma rápida e impressionante expansão, tomando as terras da Palestina (Jerusalém), Fenícia (Líbano), Síria e Egito dos cristãos orientais (Constantinopla). Ainda no século VII,

os islâmicos invadiram o norte e noroeste da África, atingindo o Marrocos e iniciando a invasão da Península Ibérica em 711. O Reino dos Visigodos foi destruído e Dom Pelágio e os visigodos remanescentes fugiram para as Astúrias, onde ocorreu a **Batalha de Covadonga**.

Foi neste contexto que a Europa foi salva da invasão islâmica pela figura heroica de Carlos Martel: foi este prefeito do palácio que impediu a invasão islâmica e fez os maometanos recuarem na **Batalha de Poitiers** (em 732).



Carlos Martel tivera dois filhos: ***Carlomano*** (que foi nomeado prefeito da Austrásia) e ***Pepino, o Breve*** (que se tornou prefeito da Nêustria, Provença e Borgonha). Os filhos de Carlos Martel procuraram manter a ordem e harmonia no Reino Franco.

História | 239

compreendeu parte de um programa de construção e reforma. Este projeto envolveu uma tripla aliança: entre os missionários anglo-saxões, o papado e a família de Carlos Martel.”.

Portanto, a conversão de tribos germânicas ao Cristianismo por São Bonifácio possibilitou maior segurança aos filhos de Carlos Martel no Reino Franco e estes passaram a apoiar atividade missionária da Igreja. Numa carta ao Papa Zacarias, São Bonifácio fez uma série de observações, que nos mostram a boa relação estabelecida entre os filhos de Carlos Martel e os missionários da Igreja:

“Carlomano, duque dos francos, convocou-me à sua presença e desejou que convocasse um sínodo na parte do reino franco que está sob seu governo. Prometeu-me que iria reformar e reestabelecer a disciplina eclesiástica, que, por um bom tempo, não menos do que sessenta ou setenta anos, tem sido espoliada e maltratada. Se, portanto, está realmente desejando, por inspiração divina, levar a cabo esse propósito, gostaria de ter o conselho e as instruções de vossa autoridade (ou seja, da autoridade da Sé apostólica).” – São Bonifácio.

Uma série de concílios reformadores seguiram-se na Germânia, na Austrásia de Carlomano e, posteriormente, na Nêustria de Pepino, o Breve. O papado, os monges e a monarquia carolíngia criaram uma cooperação que possibilitaram a reformas litúrgicas no império carolíngio (que unificaram a liturgia na França).

Carlomano era um homem de fé, piedoso e preocupado com sua alma. Em 747, Carlomano decidiu afastar-se da vida pública e se retirou para a vida monástica (na abadia beneditina de Monte Cassino). Por outro lado, o último descendente da velha família Merovíngia, o rei Quilderico, também se retirou para a vida monástica. Restava no poder o filho mais jovem de Carlos Martel: **Pepino, o Breve**.

Christopher Dawson nos fala a respeito do filho mais jovem de Carlos Martel: *“Pepino, que agora reunia em si todo o reino franco e juntava forças para a conquista da Aquitânia, não era um homem que aceitaria a diminuição de sua autoridade...”*.

Com apoio dos nobres francos e do Papa Zacarias, Pepino III (o Breve) foi coroado, em 751, pelo próprio São Bonifácio, como o rei dos francos. Assim, nasceu a **dinastia Carolíngia**, cujo principal rei foi Carlos Magno.

II

O REINO CAROLÍNGIO

Em 751 nascia a dinastia dos carolíngios sob Pepino, o Breve. O filho de Carlos Martel se notabilizou por uma série de medidas para garantir a unidade do Reino e a proteção da Igreja:

Em 752, o Papa Estêvão II pediu auxílio ao rei dos francos devido à ameaça dos bárbaros lombardos.

*Em 754, por sua fidelidade à Igreja, o Papa coroou Pepino como “**patrício dos Romanos**”. Além disso, o Papa ungiu os filhos de Pepino: Carlos e Carlomano. Logo, desde o início a monarquia fundada por Pepino esteve associada à Igreja.*

*Pepino, fiel à Igreja, garantiu ao Papa Estêvão II uma área para segurança da Santa Sé e do papado: o **Patrimônio de São Pedro** (os Estados Papais).*

Em 759, derrotou os islâmicos no sul da Gália e incorporou a região da Aquitânia definitivamente ao domínio dos francos.

Pepino faleceu em 768 e deixou Carlomano e Carlos como seus herdeiros. O primeiro acabou falecendo em 771 e, dois anos depois, Carlos Magno se tornou o rei dos francos. Carlos Magno (o Grande), foi um personagem crucial na história da formação da Cristandade europeia, não somente pelo Império que manteve, mas, principalmente, pela cultura carolíngia que impulsionou durante seu reinado.

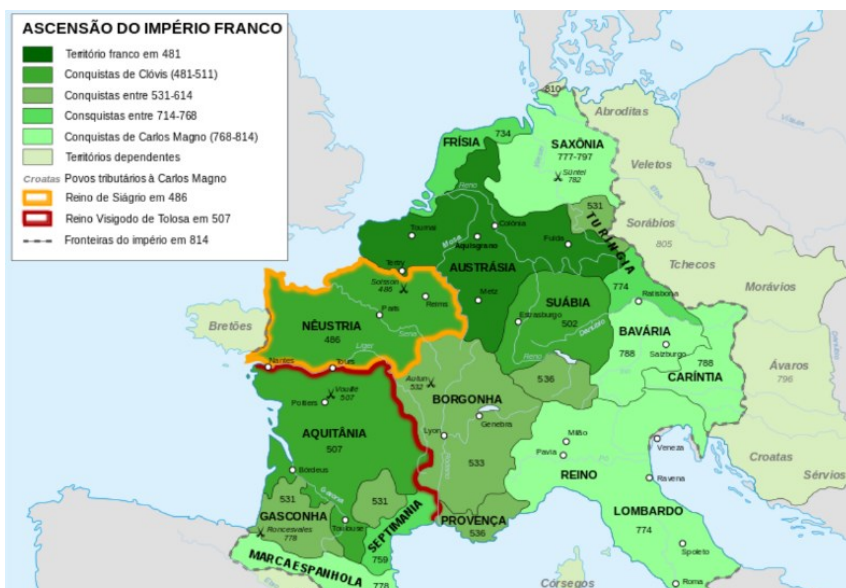
Carlos Magno – Carlos Magno foi o maior rei e guerreiro da **Alta Idade Média** (primeira etapa da Idade Média). Com uma personalidade expansiva e forte, *foi Carlos Magno quem manteve a unidade da sociedade cristã (**Cristandade**) e a defendeu das ameaças dos islâmicos da Península Ibérica, dos normandos da Península da Escandinávia, dos eslavos e outros bárbaros a leste do Reino.*

Carlos havia herdado de seu pai e de seu irmão uma vasta área que englobava as terras da atual França, Bélgica, Países Baixos, além de áreas que hoje fazem parte da Alemanha e Suíça. Além disso, uma vez que havia herdado vastíssimo território, o novo rei destacou-se pela ampliação do reino Franco e formação de um verdadeiro Império cristão. Parecia que o velho Império romano do Ocidente, convertido ao catolicismo, estava sendo reestruturado pelo líder franco.

Poderíamos mencionar três características da personalidade de Carlos Magno que merecem atenção (características visíveis desde o início, já na juventude): **a) a admiração por seu pai e sua capacidade de governar, b) a devoção e amor pela Igreja e c) um respeito profundo com relação às letras (verdadeiro amor ao valor da cultura literária, às ciências e artes).** Outro traço curioso do grande líder e rei franco, era sua altura: Carlos possuía cerca de 1,90 m e era extremamente robusto. Portanto, para alguns homens da época, o rei dos francos era uma figura quase assustadora, imponente e gigantesca. Além disso, possuía grande energia e bom estado de ânimo para governar.

O governo de Carlos Magno caracterizou-se pelos seguintes aspectos:

Assim como seu pai havia auxiliado a Igreja, Carlos Magno também lutou contra os lombardos e impôs seu



reino no norte da Itália. Mas, diferente de seu pai, Carlos venceu definitivamente os lombardos, o que trouxe paz ao papado.

Venceu e repeliu os islâmicos para além dos Pirineus, garantindo a região da Marca Espanhola na fronteira do Reino Franco e da Hispânia.

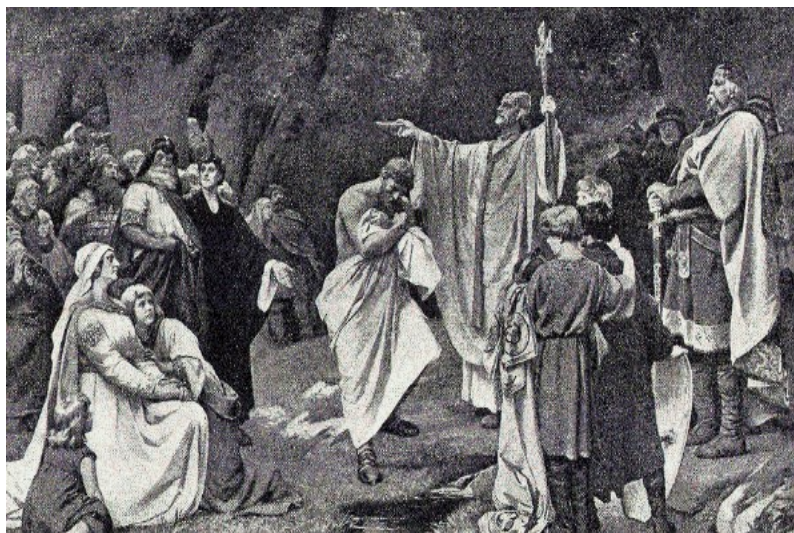
Expandiu o Reino Franco em direção leste: formando áreas subordinadas entre os morávios, os croatas, os ávaros, etc.

Travou luta contra bárbaros saxões liderados pelo líder-guerreiro e chefe pagão Widukind. Os saxões periodicamente atacavam aldeias na região norte e nordeste do Reino de Carlos Magno. O rei dos francos reagiu às invasões e aos ataques e entrou na floresta dos saxões destruindo seu ídolo: a árvore Irminsul. Muitos saxões acabaram se convertendo e Widukind fugiu temporariamente para a Dinamarca. Em 782, o rei dos francos novamente atacou os saxões rebelados. A guerra perdurou até que Widukind ofereceu sua rendição a Carlos Magno e se mostrou disposto a receber o batismo.

Widukind, líder dos saxões, aceitou a paz com Carlos Magno e o rei dos francos mostrou sua grandeza de espírito ao propor ser ele próprio o padrinho de batismo do saxão. Carlos teria coberto Widukind de presentes e honras após o batismo.

Carlos estabeleceu uma verdadeira organização no Reino da França: o Reino foi dividido em áreas administradas por nobres locais (as Marcas, pelos marqueses, os Condados, pelos condes e os Ducados pelos duques); além disso, Carlos estabeleceu os missi domini, que possuíam a função de fiscalizar os governadores e senhores locais do Reino.

*Criou um corpo de funcionários e assistentes ao seu governo: o **arquicapelão** (responsável pelos assuntos eclesiásticos), o **conde palatino** (líder da administração), o **chanceler** (responsável pela legislação), o **camareiro** (responsável pelo tesouro), o **senescal** (responsável pelo abastecimento) e o **condestável** (responsável pelas tropas).*



A Educação no Império Carolíngio – Carlos Magno foi um patrono da cultura monástica e da cultura literária; tratava-se de um governante que possuía visão suficiente para impulsionar um renascimento na área da educação (as artes liberais), das letras, da arquitetura, etc. Na escola do palácio (Escola Palaciana), comandada e organizada pelo monge Alcuíno de Iorque (uma espécie de ministro da educação), Carlos Magno mandou estabelecer um centro de estudos, onde nobres, religiosos, homens laicos e eclesiásticos, poderiam



aprofundar-se nos estudos e no conhecimento das antigas artes. Resgatava-se o ensino da Gramática, da Retórica, da Dialética, etc. Os estudos retóricos tinham a finalidade de formar funcionários do governo carolíngio, homens capacitados a atuar nos negócios do Reino.

Havia o propósito consciente da parte de Carlos Magno em restaurar uma cultura cristã, assim como aperfeiçoar a formação religiosa dos eclesiásticos.

De Reino

ao Império: Carlos Magno coroado como imperador dos romanos – O Reino Franco sob Carlos Magno, havia se tornado uma realidade política, social e religiosa impressionante: era o baluarte da cristandade ocidental e, nesta época, o antigo Império Romano do Ocidente parecia ressurgir, mas num contexto espiritual e cultural essencialmente cristão. A noção de uma *sociedade cristã*, uma sociedade ordenada ao bem-comum e que tinha em vista a *finalidade última da vida humana* (a *felicidade*, a *vida sobrenatural*) foi formada nesta época.



No dia 25 de novembro de 800, durante a Santa Missa, o Papa Leão II coroou Carlos Magno como Imperador do Ocidente. O povo dizia: “*viva Carlos, coroado por Deus, Imperador romano e árbitro da paz.*”.

EXERCÍCIOS

1. Quem foi o “apóstolo dos francos”?
2. Qual foi a importância do batismo de Clóvis para a França?
3. Olhe o primeiro mapa do texto e responda: em quais regiões a França dos merovíngios estava dividida?
4. Como ficou a situação do Reino Franco após a morte de Clóvis? E quem restaurou a unidade do reino?
5. O que era o “prefeito do palácio”? E qual foi a importância de Carlos Martel para o país?
6. Quais as principais características do governo de Pepino, o Breve?
7. Qual foi a importância de São Bonifácio para a Igreja? Explique com base na aula.
8. Quais os principais feitos de Carlos Magno? Explique:



AULA 34

PRINCIPAIS FIGURAS E FATOS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL



Dom Afonso Henriques: tornou-se chefe do Condado Portucalense após o combate travado nos campos de São Mamede, em 1128. Nesta Batalha de São Mamede, Afonso Henriques venceu as tropas de sua mãe, Dona Teresa, e do conde Fernão Peres de Trava (Galiza).



Afonso Henriques



Milagre de Ourique

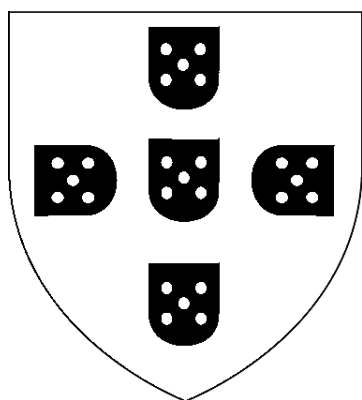
Em 1139 ocorreu o **Milagre** e a **Batalha de Ourique**: os lusitanos travavam combate contra os mouros (invasores da península Ibérica), que, nesta época, eram liderados por cinco generais islâmicos. As tropas de Dom Afonso Henriques estavam numericamente em desvantagem e ainda assim dirigiu-se para o campo de Ourique (no dia de Santiago). Durante a madrugada, antes do confronto com os maometanos, o Conde retirou-se para pedir a Deus a força e a coragem necessárias para obter a vitória; enquanto rezava, ocorreu um milagre: Cristo Crucificado lhe apareceu, no céu, entre nuvens, com cinco chagas

brilhando intensamente e lhe garantiu a vitória naquela e inúmeras outras batalhas, afirmando também que Deus reservava ao povo lusitano grandes desígnios – um império cristão seria fundado a partir de Afonso e seus descendentes e este Império levaria a Fé às nações mais distantes.

Afonso Henriques, após esta visão de Cristo, retornou cheio de otimismo e confiança ao acampamento. Ao entrar em campo de batalha, os soldados portucalenses derrotaram as tropas islâmicas e venceram os cinco generais islâmicos. Após essa vitória esmagadora e a liderança de



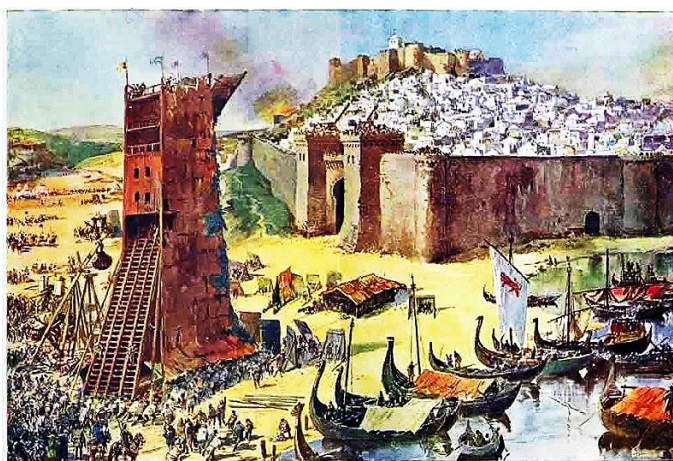
Afonso, os habitantes do Condado passaram a considerá-lo rei. Afonso Henriques modificou a simbologia do que posteriormente se tornou a bandeira de Portugal. Numa cruz azul foram estabelecidas cinco quinas – sendo cada uma formada por cinco moedas –, que representavam as cinco chagas de Cristo, e também os cinco generais mouros que ameaçavam os lusitanos. Segundo certa interpretação, as moedas faziam alusão à autoridade real: somente os reis tinham autorização de cunhar moedas; mas, segundo a interpretação mais adequada e tradicional, na verdade, as moedas aludiam Às trinta moedas prata da traição (de Judas Iscariotes): tendo a finalidade de lembrar aos portugueses a necessidade de serem fiéis a Cristo.



Com a vitória avassaladora de 1139 sobre os islâmicos, Afonso Henriques, obedecendo o desígnio divino, proclamou-se Rei de Portugal. Contudo, o fundador da nova monarquia ainda possuía um desafio: seu primo, o rei de Leão e Castela, Afonso VII. Este recusou-se aceitar Afonso Henriques como rei, e afirmou que o Condado pertencia ao Reino de Castela. E assim travou-se uma guerra entre os primos; conflito que só foi resolvido em 1143, por intermédio de um legado do papa Inocêncio II, durante o Tratado de Zamora.

Foi durante o Tratado de Zamora (1143) que Afonso VII aceitou seu primo como novo soberano do Condado Portucalense (Portugal). Surgia assim a Primeira Dinastia Portuguesa: a **Dinastia dos Afonsinos**.

Os reis afonsinos, descendentes diretos de Afonso Henriques foram: **D. Sancho I** (1185-1211), **D. Afonso II** (1211-1223), **D. Sancho II** (1223-1245), **D. Afonso III** (1248-1279), **D. Dinis** (1279-1325), **D. Afonso IV** (1325-1357), **D. Pedro I** (1357-1367) e **D. Fernando** (1367-1383). A época dos reis afonsinos pode ser dividida em suas fases distintas: a) a fase de ocupação, povoamento e organização dos territórios reconquistados dos maometanos e organização da monarquia; b) a fase de desenvolvimento governamental, formação de uma burocracia, desenvolvimento da vida familiar, da vida urbana e comercial a partir do reinado de Afonso III.



A conquista de Lisboa: em 1147, Afonso Henriques, com apoio do exército de cruzados que se dirigia à Terra Santa, reconquistou Lisboa dos mouros.



Afonso I, o Fundador: com a derrota dos islâmicos em Ourique, e obtida a vitória de seu primo no Tratado de Zamora, o rei Afonso Henriques rapidamente voltou-se contra os islâmicos. Em 1147 conquistou duas cidades dos islâmicos: Santarém e Lisboa. Para conquistar Santarém, Afonso Henriques, na calada da noite saiu de Coimbra com um pequeno grupo de homens armados e aguardou, pacientemente, que os vigias islâmicos adormecessem. Afonso Henriques e seus homens escalaram as muralhas de Santarém e, aproveitando-se do susto e surpresa

dos mouros, apoderou-se rapidamente da cidade.

A conquista da grandiosa Lisboa, contudo, era mais difícil, sobretudo depois da conquista de Santarém. Lisboa estava rodeada de muralhas, muito bem vigiadas. Além disso, o assalto demandava um cerco naval, visto que era preciso cercá-la pelo lado do rio Tejo. Afonso Henriques, além de guerreiro brilhante era um diplomata astuto, e acabou contado com o auxílio de alguns cavaleiros das Cruzadas, que se dirigiam à reconquista da cidade Santa de Jerusalém. Em 1147 um grupo de cavaleiros cruzados, vindos da Inglaterra, passou pelo rio Douro, onde foram persuadidos a auxiliar o rei de Portugal na conquista de Lisboa. E assim ocorreu: a cidade sofreu um cerco de vinte semanas, até cair no poder dos cristãos. Várias outras cidades caíram nas mãos do rei de Portugal depois da conquista de Lisboa: Alenquer, Óbidos, Almada, Sintra e Palmela.



Castelo de Palmela: situado em um local elevado e escarpado, próximo do rio Sado, o Castelo de Palmela, depois da Reconquista, foi sede da Ordem Militar de Santiago. Local crucial para manter a defesa do território recém-conquistado.

A guerra para reconquistar as províncias do sul continuou ainda durante um século. Muitas vezes o Islam (Islã) continuava a ser uma forte potência na África e por vezes ameaçava atacar a península Ibérica. Muitas vezes, os islâmicos do norte da África atacavam o sul da península, destruindo, pilhando e incendiando igrejas cristãs nas áreas reconquistadas. Era uma grande dificuldade para Afonso Henriques e para os

castelhanos manter os territórios reconquistados: por causa disso surgiram **Ordens militares**, responsáveis em proteger os territórios.

Assim surgiram as seguintes Ordens militares: a ordem dos **cavaleiros de Santiago de Calatrava**, a **Ordem do Hospital** (Hospitalários, ou **Ordem de Crato**), e a **Ordem São Bento de Avis**, criada por Afonso Henriques em 1162.

O último território foi o **ALGARVE** (1245-1250), sob o reinado de **Afonso III** (o Bolonhês): os principais responsáveis por esta reconquista foram os chefes militares das Ordens de Santiago e Avis, que depois entregaram o Algarve ao rei português. Foi durante o reinado de Afonso III que ocorreu o **Tratado de Badajoz (1267)**, pelo qual a fronteira entre Portugal e o Reino de Castela foi fixada no curso do rio Guadiana e o Algarve permanecia com os portugueses.



Rei Afonso III

Além de Afonso Henriques, o Fundador, e Dom Afonso III, outra figura fundamental da monarquia portuguesa foi Dom Dinis, o rei trovador; a importância de Dom Dinis pode ser demonstrada pelos seguintes fatos: este rei estabeleceu que os documentos oficiais fossem escritos em português; possibilitou a criação da primeira universidade portuguesa (Universidade de Coimbra), incentivou as artes e a literatura, incentivou o comércio e a prática da agricultura.

Dom Dinis e Santa Isabel foram os pais de **Afonso IV, o Bravo**. Este governante teve graves dificuldades antes mesmo de ocupar o trono: alguns diziam que Dom Dinis não desejava deixar o trono para Afonso IV, mas, na verdade, para seu outro filho Dom **Afonso Sanches**, em detrimento do primeiro (legítimo herdeiro). A rivalidade entre os dois irmãos (Afonso IV e Afonso Sanches) causou uma verdadeira guerra civil em Lisboa:



A intervenção de Santa Isabel de Portugal

Afonso IV rebelou-se contra o próprio pai, Dom Dinis, desencadeando assim uma revolta; por outro lado, havia os partidários do rei e de Afonso Sanches. Uma batalha quase foi travada entre os exércitos de Dom Dinis e os aliados de seu filho Afonso IV (**Batalha de Alvalade**). A matança só foi impedida quando a rainha de Portugal, Santa Isabel, esposa de Dom Dinis e mãe de Afonso IV, montada numa mula, interveio e interpôs-se entre os dois exércitos, de forma que a matança foi impedida. Dom Dinis, no fim, aceitou o direito e a legitimidade de Afonso IV.

Reinado de Afonso IV – O Reinado do filho legítimo de Dom Dinis foi consideravelmente conturbado, mas repleto de sucessos. Foi nessa época que ocorreu a participação portuguesa na **Batalha do Salado**: luta entre cristãos e mouros na atual província espanhola de Cádiz. Os muçulmanos do Marrocos organizaram novos exércitos e uma frota

naval, que havia destroçado algumas tropas cristãs da Ordem dos Hospitalários, e, diante da ameaça de uma nova invasão islâmica na península, o rei de Castela (Afonso XI), procurou o auxílio do rei português.

Após receber o pedido de auxílio do rei de Leão e Castela, Afonso IV enviou um contingente militar e, depois, dirigiu-se pessoalmente para auxiliar o rei de Castela. Em campo de batalha, os portugueses auxiliaram os exércitos de Castela ao derrotar o rei islâmico de Granada e o chefe mouro do Marrocos. Foi por causa de sua coragem e bravura que este rei foi chamado de “o Bravo”.



Afonso IV, o Bravo

Contudo, o reinado de Afonso IV enfrentou dificuldades consideráveis: foi nesta época que ocorreu a difusão da peste negra, que se alastrava rapidamente pela Europa. Em termos de política interna, Afonso IV procurou: 1) centralizar o poder político ao controlar a nomeação de juízes em Portugal; 2) proibir a prática da vingança entre os nobres, assim como a intromissão dos nobres em questões legais do Estado. Por fim, durante seu reinado, ocorreu um triste episódio: a **execução de Inês de Castro**.

A Crise – O último rei da dinastia de Borgonha foi Dom Fernando, filho de Dom Pedro I e neto de Afonso IV. Dom Fernando não teve filhos varões, e sua única filha, Beatriz, havia se casado com o rei de Castela. Portanto, assim que Fernando morreu, o rei Dom João de Castela reivindicou seu direito ao trono: mais uma vez, Portugal estava ameaçado de cair nas mãos de Castela! A sucessão de Beatriz colocava em risco a independência de Portugal. Foi assim que um grande rebuliço ocorreu em Lisboa; os nobres e habitantes das cidades passaram a apoiar DOM JOÃO, o mestre da Ordem Militar de Avis, filho bastardo de Dom Pedro I e meio-irmão de Dom Fernando. **Tinha início a Revolução da Casa de Avis (1383-1385), que fundaria a segunda dinastia portuguesa: a Dinastia Joanina.**

Referência Bibliográfica:

Ameal, João. **História de Portugal**.

Saraiva, José Hermano. **Pequena História das Grandes Nações: Portugal**.

ATIVIDADE

1. Faça um resumo da aula.